

Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 45
13 de fevereiro de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos.

Eu queria começar com uma das perguntas, invertendo a ordem costumeira, porque ela se refere precisamente ao assunto que eu pretendia enfocar aqui. Esta semana, inclusive, eu escrevi um artigo para o *Diário do Comércio* — muitos dos meus artigos são como que notinhas ou apontamentos de coisas que eu dei ou pretendo dar neste curso; evidentemente, o leitor do jornal não tem a menor idéia da quantidade de subsídios extras que cercam aquilo que eu estou dizendo ali no jornal e lê só aquela opinião condensada, e às vezes pensa que a opinião termina por ali. Todos os artigos que eu escrevo são sempre na base da retórica dialetizável: é todo um raciocínio dialético que está ali condensado (e só o pode ser) sobre a forma retórica, de modo que não existe ali sequer uma tentativa de demonstração de alguma coisa; é apenas a apresentação de uma opinião, de uma visão que eu tenho das coisas, apresentadas de uma maneira que seja legível, um tanto quanto agradável e aparentemente persuasivo. Esse é o máximo que dá para fazer em um artigo de jornal, principalmente porque, à medida que os jornais aumentaram de tamanho, diminuiu o tamanho dos artigos que são admitidos. Quer dizer, o jornal lido pelo brasileiro hoje é uma coisa minimalista; hoje não seria possível de maneira alguma publicar artigos como aqueles do Otto Maria Carpeaux, que tinham 7, 8, 10 páginas — isto é impossível. Quando você consegue enfiar ali um artigo de quatro páginas, já é um tamanho considerado quase obsceno. O normal é uma lauda e meia, duas laudas, e é claro que neste espaço não é possível a demonstração, a discussão do que quer que seja. É apenas a exposição, a exteriorização de uma opinião ou resumo de um fato. Então, é evidente que entre os simples leitores de jornal e os alunos do meu curso, estes últimos levam uma vantagem extraordinária, porque eles vão compreender inclusive esses artigos de uma maneira muito diferente, pois eles sabem tudo que tem por trás, todo o repertório de pensamentos, de análises, de subsídios que foram colhidos para fundamentar aquilo.

Eu fico às vezes numa posição muito engraçada porque, normalmente, o leitor culto de 30, 40 anos atrás, quando lia um artigo conseguia imaginar mais ou menos a *forma mentis*, o repertório, o horizonte mental do autor e automaticamente percebia o que mais o autor precisaria saber para poder dizer aquilo que disse. Hoje em dia as pessoas não fazem isso de maneira alguma. Se

você escreve um artigo de duas laudas as pessoas lêem como se aquilo fosse todo o conteúdo da sua mente, como se não tivesse havido nenhuma retaguarda, nenhum exame, nenhum aprofundamento, nenhuma meditação, nada, nada. Discutem estritamente o que está colocado no artigo e às vezes nem sequer se lembram de conferir aquilo com outros artigos, ou com livros, nem imaginam que esta possibilidade existe. Então, em geral, as discussões que se fazem naquilo que eu digo a imprensa — não só eu, mas que todo mundo diz na imprensa —, chamar isso de superficialidade seria até um eufemismo, porque o que está na superfície pelo menos toca a água. Esses caras nem na superfície chegam, eles pairam acima, não chegam a tocar no assunto. Então, olhando do ponto de vista meu, quer dizer, do sujeito que sabe não apenas aquilo que ele escreveu, mas sabe as outras coisas que ele não escreveu, sabe as coisas que ele disse em aula a esse respeito, e até as coisas que não disse ainda, fica muito engraçado tudo isso, de ver esse literalismo opaco, essa coisa plana. Essa leitura plana que as pessoas fazem hoje é absolutamente desesperadora, e que só esse fenômeno já basta para demonstrar total a falência da educação superior no Brasil. A educação superior, as nossas universidades, com tudo o governo gasta em dinheiro com elas, com o que os cidadãos gastam em dinheiro com mensalidades ou com imposto, e você vê esse imenso equipamento educacional todo criado no Brasil — que é um dos lugares que onde tem mais professor universitário per capita comparado com a população estudantil — você vê que tudo isso não serve para formar um leitor, um leitor de jornal. E, sobretudo, comparando as discussões públicas no Brasil e aqui nos EUA, a gente nota que mesmo pessoas mais estúpidas e mal intencionadas, pelo menos algo do que o outro está dizendo elas entendem, são capazes de enxergar um pouco além, por trás do texto elas percebem alguma intenção. Mas no Brasil não; no Brasil o sujeito tem dois ou três estereótipos na cabeça e ele no máximo associa aquilo que está lendo com seus próprios estereótipos — e faz isso, às vezes, com uma certeza absoluta. Outro dia mesmo, acho que até comentei aqui, um sujeito, até professor universitário, que dizia assim: “é uma pena que o Olavo não divulgue quais são as fontes das idéias dele, como Joseph de Maistre, Donoso Cortéz, de Bonald e citava aí outros, e pegava alguns autores do séc. XIX que, comparados com o que eu estou acostumado a ler, são autores de quinta categoria, seriam no máximo polemistas. O sujeito acreditava piamente que aquela era a fonte das minhas idéias. Quer dizer, nem mesmo ter uma idéia remotíssima de fontes e de influências a pessoa consegue hoje em dia. Normalmente um autor culto deveria à primeira vista já saber mais ou menos quais são as correntes que o influenciaram, de longe, mas nem nisso as pessoas acertam. Onde você tem o círculo de leitores mais ou menos habilitado essa percepção deveria ser quase instintiva. Às vezes até os detalhes de estilo você percebe; se você conhece a história dos estilos você consegue associar uma coisa à outra.

Eu escrevi um artigo essa semana que toca exatamente no assunto desta pergunta; eu escrevi o artigo pensando já em botar essa coisinha lá no *Diário do Comércio* e desenvolver isto em aula. E justamente aí me chega esta pergunta aqui do Rafael Rezende Stival que é assim:

Aluno: Eu estava pensando em usar a ocasião do meu aniversário, 18 de março, para reunir os meus parentes e os da minha esposa (quase todos os amigos já me abandonaram) para explicar a eles o pouco que sei sobre o que está acontecendo no Brasil e no mundo, e que é escondido pela mídia, o que está na iminência de acontecer, o que tenho feito para entender melhor e combater etc., e o que eles podem fazer contra isso. Foi então que cheguei à aula 11 e esta, dentre os vários assuntos, fala sobre a aceitação do estudante sério nesse Brasil anti-intelectual. Mesmo assim eu já suspeitava que a maioria pensaria que sou louco, caso eu expusesse aqueles assuntos. No meio familiar se espalha a notícia de que tenho idéias loucas, e infelizmente somos muito próximos. É claro que há um amor por eles e não quero que eles sejam os ignorantes voluntários que o senhor citou. Quero também mostrar a eles que a vida intelectual não é apenas um símbolo burocrático. Com isso gostaria, ao menos entre os mais próximos, aqueles que não ajudassem também não atrapalhassem, e que o desprezo velado passasse a ser explícito. Será que ainda assim isso é uma necessidade afetiva da minha parte?

Olavo: É claro que é uma necessidade afetiva, ninguém pode viver sozinho. Mas eu queria aproveitar a ocasião dessa pergunta e também do artigo que eu escrevi, que depois eu vou ler para vocês, [para falar sobre esse assunto]. Eu creio que o artigo não será publicado ainda na semana que vem no *Diário do Comércio* porque editores de página de opinião, eu mesmo já fui um deles, têm o terror pânico de chegar no dia e não ter nenhum artigo para publicar, e ele ter de escrever todos os artigos. Então o que eles fazem? Eles vão tratando de acumular, de ter um monte de coisa na gaveta. O resultado é que o autor nunca sabe qual é o dia exato que aquilo vai sair. Então, eu não sei se esse artigo sairá a semana que vem, mas o artigo é exatamente sobre isso.

Este fundo, que o aluno chama de anti-intelectual, mas na verdade é mais do que isso, é um problema muito mais sério do que eu mesmo tenho enfatizado aqui e, conforme até já falei em uma aula, isso não é uma coisa que existe apenas na sociedade em torno, mas existe dentro de cada um de nós — isso quer dizer que o seu potencial de desenvolvimento intelectual fica inibido pelo temor que você tem de ser rejeitado, e isto já não é um problema que está **[0:10]** fora, que está na sociedade, ele já está internalizado em você, e isto enfraquece barbaramente. Você imagine o quê que teria sido a vida de tantos escritores, poetas, filósofos etc., se todos eles tivessem passado por isso nos seus respectivos meios. Então quer dizer que uma boa parcela da energia que eles poderiam ter consagrado à atividade criativa, ou então aos estudos, ao desenvolvimento pessoal, teria de ser gasta apenas nessa atividade de auto-defesa interna e externa contra a hostilidade — quer dizer, contra a hostilidade do meio, a qual sendo internalizada é vivida dentro de você como inibição: como você espera que haja uma reação negativa, como você espera que as pessoas vão lhe rejeitar, você imediatamente já cria um complexo de rejeição. Então como é que você vai fazer para ser aceito, para passar como uma pessoa normal na frente de um círculo de gente que não pode te compreender de maneira alguma?

Olha, eu digo isso não só pela minha experiência pessoal, mas por ter estudado o assunto; eu cheguei a fazer um assunto sistemático de como este tema, que é constante na sociedade brasileira, aparecia na literatura brasileira. Isto reaparece ali, por exemplo, em Machado de Assis, em Lima Barreto, no livro do Orígenes Lessa que eu já mencionei aqui, *O Feijão e o Sonho*, no Graciliano Ramos, no livro *Caetés* depois no livro *Angústia* [etc.]. O personagem do *Angústia*, o Luiz da Silva, não é outra coisa senão um intelectual enlouquecido por este complexo de rejeição do meio; o Luiz da Silva é uma alma complexa e ao mesmo tempo um sujeito de algum talento, ele tem certa profundidade intelectual que não é comum no seu meio, e ele se sente então oprimido, renegado, rejeitado pelo meio pequeno burguês e burguês e aquele problema dele vai se transformando gradativamente, aquilo se projeta num problema de ciúmeira que tem entre ele e um outro camarada, que é um burguês bem-sucedido na vida e estão ambos disputando a mesma mulher, e aquele problema vai crescendo dentro da alma do Luiz da Silva, até que ele mata o seu concorrente, mas não por ciúme — isso é interessante, se você ler *Angústia*, num primeiro momento, parece um crime passional criado por ciúme, mas se você examinar direito você vê que não é este o problema. Qual é exatamente o problema que está em jogo? Bom, para investigar isso — e atenção novamente: este não é um problema da sociedade brasileira, esse é um problema da alma brasileira, em cada um de nós; se não estivesse em cada um de nós não poderia se tornar tema de um romance psicológico como é *Angústia*. E note bem que Graciliano Ramos sofreu desse problema pessoalmente; ele sabia do que estava falando e ele estava tão próximo do tema que não conseguia desenvolver o romance satisfatoriamente como havia desenvolvido o tema de *São Bernardo*. Em *São Bernardo* é o contrário: o personagem principal não é um intelectual, é um sujeito que só pensava em dinheiro e poder, e que subiu na vida oprimindo todo mundo. E ele depois conhece uma professorinha, se apaixona e casa com ela. A professorinha é o intelectual, ela é a pessoa que tem sensibilidade, enxerga as coisas, tem uma visão mais séria da vida etc., e aquele fazendeiro que, não se pode dizer que ele não a ama, ele ama, mas não pode a compreender, ele a tormenta tanto, a limita tanto, que ela acaba suicidando.

Embora pareçam tão diferentes esses dois romances do Graciliano Ramos, no fundo o tema é o mesmo, apenas visto de um lado e visto de outro. O personagem central do livro *São Bernardo*, que é o fazendeiro, é ele que escreve a história, ele está escrevendo sua própria autobiografia. E uma coisa que deixou de ser observada e percebida pelos críticos mais rasteiros, como o Antônio Cândido — que eu considero um péssimo crítico, eu acho que o Antônio Cândido não sabe ler —, é a verdadeira profundidade do personagem, porque o personagem que é inteiramente materialista, grosseiro, egoísta, é ele que está escrevendo as memórias e aquele personagem escreve tão bem quanto o Graciliano Ramos, escreve, por assim dizer, no estilo do Graciliano Ramos. Seria uma estupidez dizer que o Graciliano Ramos imitou o estilo, a fala de um fazendeiro; ele usa um ou outro elemento da fala popular, que seria a do fazendeiro, mas montando as frases, montando a própria narrativa como o próprio Graciliano montaria. Quando o sujeito escreve o livro a mulher dele já se

matou, então a tragédia está consumada, a coisa não está acontecendo na hora que está sendo narrada. Ele, muitos anos depois, cheio de arrependimento, está narrando, e no arrependimento ele alcança uma compreensão daquelas coisas que a mulher dele compreendia e que ele não compreendia na época. Quer dizer, ele depois da morte dela ela passa por uma espécie de uma metanóia. O suicídio da mulher tem um impacto nele e ele percebe o erro da sua vida, então ele absorve de alguma maneira as preocupações que eram dela.

O que você tem nos dois casos? Você tem a relação entre o meio burguês e pequeno-burguês brasileiro com o intelectual. Os dois romances são escritos na primeira pessoa, só que *São Bernardo* é escrito pela pessoa do burguês e *Angústia* é escrito pela pessoa do intelectual; estão em posições inversas. Mas se vocês analisarem, quanto mais eu analiso isto, mais eu vejo que é a mesma história, contada de duas maneiras: uma que culmina em suicídio e a outra que culmina em homicídio. Então, pelo fato de terminar em morte, esse assunto não é brincadeira. Claro que houve também vários tratamentos menos dramáticos do assunto, como no próprio Lima Barreto. Em Lima Barreto o tema dos principais livros dele — que são (a) *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, (b) *Triste fim de Policarpo Quaresma* e (c) *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* — é também o mesmo, visto desde três perspectivas diferentes. (a) Primeiro é a história de um menino que vem do interior com a idéia de fazer uma carreira literária no Rio de Janeiro e tornar-se um escritor, e ele segue o caminho natural, o único que existia para uma pessoa com as condições dele na época, que seria o jornalismo, e no jornalismo ele encontra um ambiente tão mesquinho, tão acachapante, tão desprovido do mais remoto sinal de qualquer coisa espiritual, que ele acaba fracassando na carreira; pelo menos não termina em homicídio ou suicídio, mas termina no fracasso. (b) Depois no segundo romance o herói é um intelectual, um homem de estudos. O romance começa com o Policarpo Quaresma, que é um funcionário público, voltando para casa no fim do dia e as velhinhas da vizinhança, olhando pela janela e vendo um monte de livros que tem dentro da sala dele, perguntaram: “mas por que é que tem tanto livro se ele não é nem bacharel?” O Policarpo Quaresma é um sujeito que estudou muito e que a área de interesse dele é tudo quanto se refira ao Brasil, ele tem amor ao Brasil, ele gosta de tudo: da geografia, da história do Brasil etc. E ele, na condição de total isolamento que vive em relação à sociedade que o cerca — isolamento que não é físico, mas isolamento mental — ele acaba ficando louco. Então o Policarpo já é louco desde o primeiro instante e a loucura dele chama-se patriotismo; ele é tão patriota que faz uma campanha para mudar a língua oficial do Português para o Tupi-Guarani; ele quer mudar os símbolos nacionais para ficarem mais nacionais, e assim por diante. Ele quer reformar o Brasil à luz do seu nacionalismo. E no fim a coisa acaba com a condenação à morte do Policarpo Quaresma; quer dizer, ele primeiro ele se torna um herói nacional e depois se torna um renegado. O livro é todo uma farsa, é uma coisa tragicômica na verdade. [0:20] (c) O terceiro romance maior do Lima Barreto, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, praticamente não tem enredo, tem uma estrutura mais poética do que novelística; é a série de conversas que um jovem jornalista tem com um velho estudioso que vive isolado e que a medida que ele vai conhecendo o velho vê que o velho é um sábio, o

velho está sabendo um monte de coisa, é uma criatura excepcional, mas totalmente desconhecido, totalmente isolado da sociedade, e que o velho encontrou um *modus vivendi* — ele vive escondido como se fosse um criminoso, se isolou da sociedade e vive lá no meio dos livros dele; não tem mais nenhuma ambição na vida, não se casou e vive na total solidão, olhando de longe a loucura brasileira e não se deixando contaminar por ela. O tema aqui também é o mesmo: é o intelectual, artista, escritor brasileiro em face da sociedade brasileira.

A recorrência desse tema na literatura nacional mostra que aí existe um problema, se os escritores perceberam isso tão claramente é porque ou eles estão vendo coisas, ou tem algum sinal de realidade aí. Eu vou ler para vocês o que escrevi para o *Diário do Comércio* e depois vou acrescentar algumas coisas que infelizmente não vai dar para transmitir para os leitores, mas pelo menos vocês pegarão.

Vocês devem ter lido o artigo que eu escrevi a semana passada, chamado “Caindo sem parar”, que mostrava o estado de debacle total da educação superior no Brasil. Quando você lê os jornais americanos você os vê falando da mesma coisa: “a debacle da educação universitária americana” etc.; usam as mesmas palavras, mas isso é a mesma coisa que você quebrar um dedo ou ser atropelado por um trem e dizer nos dois casos que você se machucou — você está usando a mesma palavra, mas não está dando a proporção real. Do mesmo modo, os americanos estão frequentemente preocupados com o problema da criminalidade porque estão matando 10 mil pessoas por ano num país de 300 milhões de habitantes; e no Brasil estão matando 50 mil pessoas por ano num país que tem metade dos habitantes dos EUA. Então há uma diferença de proporção que as palavras usadas às vezes não transmitem corretamente. O fenômeno às vezes é o mesmo, mas a diferença quantitativa pode ser tão brutal que, como dizia Mao Tse Tung, dá um salto qualitativo; quer dizer, a diferença quantitativa quando passa de um certo limite já é outra coisa. É assim como você bater numa pessoa: até 2, 3, 4, 5 tapas é agressão, mas se você continua batendo vira tentativa de homicídio. Eu vi isso, uma vez fui testemunha em um processo em que o sujeito bateu na mulher. Bateu, bateu, bateu, mas... bateu uns 10 minutos e continuou batendo. E ele estava armado então a gente não podia fazer nada, eu e os outros ali ficamos olhando, tentávamos chegar perto e ele encostava o revólver na nossa cara e a gente voltava para trás, continuava a ver aquele massacre. E depois houve um processo, naturalmente, e nós todos fomos convocados para dar testemunho e, embora houvesse uma queixa de agressão, o juiz mudou para tentativa de homicídio. Quer dizer que [o sujeito] bateu tanto que deu um salto qualitativo — opa, isso aí já não é mais agressão, isso aí é algo a mais. Do mesmo modo, aqui nos EUA você pode falar de uma crise da educação, mas no Brasil a coisa passou deste limite, já não é uma crise da educação, é um processo de barbarização total onde os próprios critérios de medida que você teria para descrever a situação, eles mesmos já estão estragados e corrompidos e o nível de exigência baixou de tal maneira que você ainda chama isso de crise de educação quando não é mais, é uma coisa

muitíssimo mais grave, e vocês vão ver já a que eu estou me referindo. Eu estou aqui de certo modo complementando esse outro artigo que eu escrevi sobre educação brasileira, com o título “Onde começou a queda”.

“Até hoje, nos EUA, discute-se acaloradamente se Thomas Jefferson teve ou não um filho com sua escrava Sally Hemmings. A suspeita, se comprovada, lançaria, segundo entende a sensibilidade politicamente correta, uma nódoa infamante sobre a reputação daquele *Founding Father*, o qual, para maior constrangimento geral, não foi nenhum exemplo de conservador religioso que o *establishment* intelectual e midiático atual tivesse especial prazer em surrar, mas um deísta voltaireano, iluminista de quatro costados, laicista radical, contestador da fé cristã, o santo patrono ideal, enfim, de todo o “progressismo” do Partido Democrata.”

Vocês vejam que o vexame não é pequeno. Quer dizer, se fosse um sujeito conservador que teve filho com a empregada todo mundo ficaria até satisfeito de dizer isto, mas como foi o mais esquerdista dos *Founding Fathers*, é um negócio altamente constrangedor. Até hoje não se sabe se o filho era dele ou se era do irmão dele.

“Barack Obama, deixando a família à míngua enquanto subia a jato na vida montado num discurso assistencialista, não faz figura pior num país onde cada político, se não quer ser exposto ao ridículo, tem de encarnar uma nova mulher de César.”

Aqui funciona ao contrário do Brasil.

“No Brasil, ninguém se pergunta sequer quantas negras ou índias passaram pelas camas dos nossos condes, barões e senhores de terra em geral, admitindo-se aliás que dos desmandos lúbricos desses cavalheiros se originou, não uma horda de renegados, sepultada sob o tapete da História, mas, pura e simplesmente, o núcleo inicial da população brasileira.”

Nós todos, de uma maneira ou de outra, somos descendentes dessas criaturas.

“É fato sabido que, nas nossas velhas classes dominantes, anteriores à imigração maciça de italianos, alemães, japoneses e polacos, dificilmente se encontrava um branco sem alguma gota de sangue africano ou índio. Ainda hoje, um presidente ou senador brasileiro ter uma ou muitas amantes em nada depõe contra sua reputação, mas até contribui para o maior *glamour* da sua biografia.”

Eu me lembro até de uns anos atrás, saiu numa revista, descobriram a amante do Juscelino Kubitschek e aquilo foi noticiado no país inteiro não como um escândalo, não como uma revelação que fosse afetar a figura do Juscelino ou o que quer que fosse, mas com um encantamento, uma coisa poética, “olha que coisa linda, o presidente tinha uma amante”, uma história romântica.

“Fala-se mais mal de D. João VI por seus excessos à mesa que de seu filho Pedro I por suas aventuras amorosas, embora o primeiro fosse o verdadeiro criador do Estado brasileiro e o segundo o inventor da nossa primeira ditadura.”

O Dom Pedro I foi um ditador, de fato o sujeito fechou o congresso, expulsou o José Bonifácio — que era o verdadeiro fundador do país — ao passo que o Dom João VI é tremendamente maltratado pela nossa história. Se você perguntar do Dom João VI nas ruas as pessoas só vão saber que ele comia um monte de franguinhos e se lambuzava todo à mesa, que era um tipo meio caricato; mas o homem foi o sujeito que criou o estado brasileiro.

“Nas preferências populares, a reputação deste último supera até mesmo a de seu filho Pedro II, exemplo de tolerância e de administração honrada, talvez o melhor governante brasileiro de todos os tempos, mas homem arredio e distante, encerrado em sua biblioteca, devotado a estudos de ciência nos quais o povão enxergava não um mérito, mas uma esquisitice.”

Ou seja, nem o imperador era poupado do preconceito anti-educação.

“Essas duas séries de fatos condensam, ao menos simbolicamente, uma diferença essencial não só entre o Brasil e os EUA, mas entre o nosso país e a maioria das grandes nações do Ocidente. Cada uma destas nasceu sob a inspiração de uma casta de clérigos, que traziam consigo a memória civilizacional e os princípios da educação intelectual e moral. Quando digo “clérigos”, uso o termo no sentido amplo que tinha na Idade Média, incluindo não só os sacerdotes ordenados mas todos os homens cultos imbuídos do espírito da religião.”

Isso é fato. Se você for ver, toda a Europa foi criada pela Igreja. Na hora que desmantelou o Império Romano, que por sua vez tinha uma remota origem religiosa. [0:30] Se você ler no poema de Virgílio, a Eneida, você vai ver que a concepção, ali, era sempre da origem religiosa da civilização, sempre tem um herói religioso, um santo, um místico, um profeta que cria a inspiração originária. Mas isso não é só mítico. Mais tarde, quando é desmantelado o Império Romano, ele é desmantelado da seguinte maneira: os governantes, os componentes da classe política, se retiram da capital para as suas respectivas fazendas e começam núcleos independentes - a origem do que se chama feudo nada mais é do que isso, e o senhor feudal é esse senador que saiu correndo para a sua fazenda quando o governo romano se desmantelou e os bárbaros invadiram etc. Ali, então, ele começa um núcleo de cultura mais ou menos independente, sem nenhum governo central, sem nenhuma lei, sem nenhuma administração pública, e é aí justamente que a Igreja entra com a sua influência e se torna o fator unificador da Europa. Então, nós podemos dizer que todas as nações européias foram fundadas pela Igreja, do mesmo modo que você verá que, em outras civilizações, no Oriente Médio islâmico, no Oriente Extremo com o Budismo, Hinduísmo etc, a origem de todas as sociedades é religiosa, a origem é sempre uma casta de clérigos ou de gente do mais alto gabarito: profetas, santos etc.

“Cada uma destas nasceu sob a inspiração de uma casta de clérigos, que traziam consigo a memória civilizacional e os princípios da educação intelectual e moral.

Quando digo "clérigos", uso o termo no sentido amplo que tinha na Idade Média, incluindo não só os sacerdotes ordenados mas todos os homens cultos imbuídos do espírito da religião."

Essa é uma coisa característica da Europa: toda a pessoa que soubesse ler e escrever era considerada virtualmente parte do clero, embora não tivesse sido ordenada padre (a maioria de fato não era ordenada jamais).

"Nesse sentido, os fundadores dos EUA foram todos clérigos, com as únicas exceções — não por incultos, mas por anti-religiosos — de Jefferson e Franklin. O Brasil, em contraste, foi criação de senhores de terra vorazes, incultos, impudicos e brutais, que na religião não viam senão uma incomodidade incontornável e na cultura superior um adorno importado a recobrir mal e mal a mesquinharia, a feiúra de seus costumes."

Vocês vejam que, desde a nossa fundação — o pessoal destaca muito a função dos jesuítas, mas eles eram em número enormemente pequeno, e, na maior parte dos casos, eles mal conseguiam exercer uma influência moderadora sobre os senhores de terras. Por exemplo, que não maltratassem tanto seus escravos, não matassem tantos índios etc. Mas era um jesuíta falando para quinhentos senhores de terra. Vamos dizer que o jesuíta mais marca a presença da Igreja do que exerce efetivamente uma função civilizadora comparável a que os religiosos tinham tido na Europa. Quer dizer, não tem a menor comparação, não é nem comparável à que as igrejas protestantes tiveram aqui nos EUA. Aqui, as igrejas protestantes foram os núcleos em torno dos quais se organizaram as cidades. Se você ler o Alexis de Tocqueville, *A Democracia na América*, você verá a importância das comunidades independentes na origem dos EUA, quer dizer, eram comunidades que se autogovernavam. E o que as autogovernava, que lei elas tinham? Não tinham nenhuma lei a não ser o Evangelho. O pastor protestante que ia lá, montava uma igreja e em volta reunia a sua paróquia, o seu rebanho, e isso era uma nova comunidade. Isso quer dizer que toda a formação americana vem com isso. Agora, no Brasil, não. No Brasil [0:34:31] de fato são senhores de terra, exploradores do território que vão desbravando a ferro e fogo, matando índios ou sendo mortos por eles e que, dentro de um território agreste e inóspito - não é um território convidativo como aqui, é só você ver o que é uma floresta americana e o que é uma brasileira; na floresta americana você olha e enxerga dois quilômetros adiante, na brasileira você não enxerga nada ou então encontra regiões desérticas. Isso tudo foi muito difícil no Brasil. Só quem passou pelo teste foram os mais arrojados e brutais, e cada um desses tinha quantas mulheres quisesse: primeiro as índias e depois as negras. Um cidadão desses ter quarenta, cinquenta, sessenta, cem mulheres não era considerado uma coisa excessiva. No nordeste do Brasil você vê aqueles coronéis que viajavam e toda a cidade que passavam aparecia um monte de criancinhas: "Oi, pai!", "Oi, vô!", "Benção, pai!", "Benção, vô!". Cara que ele nem conhecia, nem sabia que era neto dele. Isso está muito bem documentado no livro do José Lins do Rego; tem vários personagens assim. Então, foram esses camaradas que criaram a sociedade brasileira. Tem um livro muito interessante sobre isso do

Paulo Prado, *O Retrato do Brasil*; este e o do Capistrano de Abreu, Capítulos de História Colonial.

Então, você vai ver que, até a vinda de D. João VI, praticamente não havia administração colonial no Brasil, você tinha só fazendas como no sistema feudal, amplamente baseadas na escravidão. O tráfico de escravos era uma das principais atividades brasileiras, ao ponto de que a nossa população hoje se compõe de pelo menos quarenta, talvez até cinquenta por cento de [descendentes] escravos. O Brasil foi, no Ocidente, o absoluto recordista do tráfico de escravos — nada se compara com a escravidão islâmica, que foi muito maior, evidentemente —, mas no Ocidente o Brasil foi o campeão. Eu até sou obrigado a concordar com um autor como esse, que é o Jacob Gorender, *O Escravismo Colonial*, onde ele mostra que a o trabalho escravo e o tráfico foram a base da economia brasileira durante muito tempo. Essa é a origem da nossa classe dominante. A religião estava ali presente mas ela não tinha efetivo poder. Para você encontrar um padre que tivesse uma influência efetiva, só quando era um sujeito que tivesse um carisma especial como o famoso padre Cícero, padre Cícero Romão Batista, Padim Ciço. Ele falava e os coronéis obedeciam, mas era porque o padre Cícero tinha lá um carisma, ele era um santo, era um homem milagreiro, aí ninguém ousava desafiá-lo. Mas o clero, em geral, não tinha grande força, mesmo porque, durante o século XVIII, os jesuítas são expulsos de Portugal, então, também não estão muito bem nas colônias portuguesas. E, em Portugal, quando o marquês do Pombal os expulsa, ele destrói a obra educacional deles. Coisa similar acontecerá no Império brasileiro, porque os nossos dois imperadores eram maçons e, embora fossem nominalmente católicos - só no Brasil o sujeito podia ser católico e maçom ao mesmo tempo -, eles limitaram severamente a atuação da Igreja. No Brasil, durante todo o século XIX, não se podia abrir escolas religiosas ou fundar novas ordens religiosas; os superiores das ordens que vinham da Europa não podiam fazer visitas para fiscalizar os mosteiros, de modo que a Igreja no Brasil foi sendo desmantelada durante o século XIX. O Marquês do Pombal deu um golpe duro na Companhia de Jesus, que era a grande força educadora no mundo, e instituiu uma educação estatal que foi uma coisa ridícula.

Você veja que, curiosamente, existe um livro de memórias do Hyppolite Taine - o grande historiador francês que eu tenho uma admiração ilimitada por causa do livro *Origens da França Contemporânea*, em que ele faz uma viagem à Itália no meio do século XIX e descobre que a atividade científica e universitária ali está praticamente paralisada. Ele disse: “ninguém estuda nada neste país, acabou tudo.” [0:40] Ele vê isso na Itália, na Espanha, nos países Católicos, e atribui isso à influência da Igreja; em Portugal a mesma coisa. Mas o fato é que o que acabou com a educação não foi a Igreja, não foi a ordem dos jesuítas, foi justamente a expulsão da ordem jesuítica, a perseguição que ela sofreu. E no Brasil a mesma coisa. Essa presença civilizadora da religião que você observa nos EUA, e cujas marcas você vê até hoje - porque aqui você tem literalmente uma igreja em cada esquina - é um negócio impressionante! E a presença do evangelho na vida das pessoas é uma coisa notabilíssima até hoje. Por mais que o sujeito interprete

errado, interprete no sentido grosseiro, materialista, tudo bem, isso é da burrice humana, mas que o cristianismo está ali presente, está. Esta presença não houve no Brasil. O Gilberto Freyre observa que a religiosidade brasileira é mais uma coisa estética e festeira do que efetivamente um fenômeno religioso. Quando o Papa João Paulo II, um homem inteligentíssimo, passou uns dias no Brasil, ele deu uma sacada: os brasileiros são católicos no sentimento mas não o são na fé. Quer dizer, eles acham que se eles têm sentimentos cristãos está tudo feito. É claro que é uma religiosidade muito superficial que não influencia em nada a sua verdadeira conduta. Então, a religiosidade brasileira é extremamente superficial e esteve sempre submetida a exigências de outra ordem, quer dizer, submetida a uma classe dominante cujos objetivos vitais não tinham nada a ver com religião, absolutamente.

Sendo essa a nossa classe dominante, o que acontece? Continuo eu aqui:

“Assim constituída a nação, nela só podiam florescer dois tipos de intelectuais: os áulicos, protegidos da classe dominante, satisfeitos de si, ocupando com gratidão que raiava o puxa-saquismo os escassos lugares abertos em raras instituições de alta cultura, e, em torno deles, uma multidão de fracassados e marginalizados, vivendo de empregos infames e bradando contra a injustiça do mundo.”

Ou seja, como as instituições de alta cultura eram incipientes, muito limitadas, haviam pouquíssimos lugares nelas. Tinha uma escola aqui, outra acolá, um ministério, duas ou três funções técnicas e acabou, isso era tudo o que tinha. Ao mesmo tempo havia educação primária, então o sujeito que entrava para a escola e queria aprender alguma coisa, queria continuar numa carreira que requeresse algum conhecimento a mais, mas para cada um que aparecia havia mil concorrentes, portanto um ou dois subiam e o resto ficava por baixo. Esses poucos sortudos, esses *happy few* que ocuparam os lugares importantes no jornalismo, no ensino formam uma casta separada da multidão de intelectuais fracassados — nem sempre fracassados intelectualmente, você não pode dizer que intelectualmente Lima Barreto era um fracassado, mas socialmente fracassou. Você comparar a vida de Machado de Assis com a vida de Lima Barreto é interessante, porque a origem social é mais ou menos a mesma - os dois vêm de famílias muito pobres - e os dois começam uma carreira no jornalismo. Só que Machado de Assis deu sorte, conheceu bons protetores etc, e Lima Barreto, não. Por um pequeno detalhe, ele bebia, então não era um tipo socialmente agradável, e foi para baixo. Você tem ali dois descendentes de escravos: um que é amigo dos senadores, dos condes etc, e outro que está lá no fundo, trabalhando numa função inferior, em um jornal de décima quinta categoria e que está convivendo com bêbados e prostitutas. Daí saem duas visões completamente diferentes da sociedade. É importante ver que essas duas classes de intelectuais no Brasil não se diferenciam pelo seu nível intelectual, de conhecimento ou pela capacidade. Homens de talento sempre houve em todos os grupos.

“Os exemplos respectivos de Machado de Assis e Lima Barreto -- ou, nada mudando decorrido um século, os de Gilberto Freyre e Otto Maria Carpeaux -- personificam às mil maravilhas os dois tipos.”

[Comparar as biografias de escritores brasileiros] é um exercício que vocês podem fazer. Tem um livro muitíssimo interessante de um autor chamado Brito Broca, *A Vida Literária no Brasil 1900*, em que embora ele pegue só um momento - você pode prolongar um pouco o retrato dele, mais para trás ou mais para frente, não vai mudar muito. Essa espécie de sociologia dos literatos no Brasil é um estudo extremamente interessante. Se você pegar esse livro do Brito Broca e pegar depois um livro escrito quase setenta anos depois pelo Osman Lins, *Do Ideal e da Glória*, que também é um estudo sobre a situação social do escritor no Brasil, você verá que tem um drama de marginalidade coletiva muito impressionante. O número de intelectuais fracassados que tem no Brasil é uma coisa alucinante, e nem sempre são eles os piores. Quando você vê o exemplo do Otto Maria Carpeaux, que chegou no Brasil exilado, com uma carta — ele não veio com pouca coisa, chegou uma carta de recomendação do Papa! Opa! É bom! Só que ele entregou a carta para o sujeito errado, que foi o Alceu Amoroso Lima, que era sem dúvida um homem do *establishment*: um homem elegante, rico, bem posicionado na vida. Então, naquela conversa entre o Alceu Amoroso Lima e Otto Maria Carpeaux, você já vê o retrato da situação que estou descrevendo aqui. Você tem o intelectual que está colocado nos altos círculos, bem quisto, respeitado, rico etc; e do outro lado um pé rapado que acabou de chegar. E o que ele fez? Arrumou para o Otto Maria Carpeaux um emprego de quinta categoria numa biblioteca no interior do Paraná. Os dois eram críticos literários, estudiosos de literatura, só que o Otto Maria Carpeaux era um bilhão de vezes melhor que o Alceu Amoroso Lima, mas este estava num posto mais importante, então ele pega o seu colega e concorrente e o joga no lixo. O Otto Maria Carpeaux, então tentou sobreviver naquela situação. Você imagine um camarada que tinha os estudos do Otto Maria Carpeaux e a carreira que ele tinha tido na Europa. Na Áustria ele um jornalista político importantíssimo, talvez o principal polemista em favor do governo Dolfuss. Dolfuss era um homem católico, um conservador tipo TFP e que, num momento de emergência, teve dois movimentos concorrentes — comunismo e nazismo — querendo derrubar o governo. Ele pegou e inventou uma constituição autoritária e mandou todo mundo calar a boca e conseguiu colocar ordem no país durante um certo tempo, até a invasão alemã, contra a qual, militarmente, a Áustria não podia defender-se; mas internamente o Dolfuss resolveu o problema. O Carpeaux escreveu dois livros importantes e vários artigos de jornal defendendo o regime Dolfuss, então ele era um polemista importante. Você imagine ser um jornalista importante na Europa para depois você virar um bibliotecário no interior do Paraná. É saída de leão e chegada de cão. Depois de um longo tempo é claro que o Otto Maria Carpeaux não aguentava mais aquela situação, aquele isolamento, e pediu socorro para o Álvaro Lins. E o Álvaro Lins era o que? Era também outro camarada na posição do Alceu Amoroso Lima. Era um crítico literário, um camarada importante, um homem da Academia Brasileira de Letras, bem quisto, bem remunerado etc. O Álvaro Lins, então, deu a chance que o Otto Maria Carpeaux precisava e ele

começou a escrever para os jornais do Rio de Janeiro. Inicialmente escrevia em francês e era traduzido, e depois, aos poucos, foi aprendendo português. Sempre precisava de um pouquinho de *copy desk*, mas escreveu um português maravilhoso no fim das contas. Só que o Carpeaux entrou no jornalismo e daí não passou. O melhor emprego que ele teve na vida foi de *copy desk* do Correio da Manhã. Ele nunca passou daí. Depois, quando fechou o Correio da Manhã, ele trabalhou um pouco numa revista, um pouco na Enciclopédia Britânica, na Enciclopédia Barsa, vivendo de uma espécie de sub-emprego, sempre com dificuldades financeiras [0:50] e sempre numa desproporção imensa entre os seus recursos intelectuais e a função que ele desempenhava na sociedade. Numa situação normal ele deveria ter se tornado o centro dos estudos literários brasileiros durante algum tempo. Ele era o homem certo para dirigir uma faculdade de letras ou para dirigir uma publicação universitária de letras, mas nunca teve a menor chance numa universidade, nunca ofereceram para ele. E ele também era muito orgulhoso e nunca pediu.

Sempre existem homens de talento em um ou nos dois grupos. Eu estou dando esses detalhes para vocês verem que cada artigo meu, cada linha que eu pus ali, dá para desenvolver. É um resumo de alguma coisa que eu posso explicar num curso mas que no jornalismo eu jamais vou poder dizer tudo isso. Um artigo tem pelo menos outros vinte artigos embutidos ali.

“Mas é evidente que a situação existencial de uns e outros só poderia, a longo prazo, corromper os dois grupos por igual, negando a um e a outro um papel histórico decente e estreitando, pouco a pouco, o horizonte da sua vida mental.”

Por que isso acontece? Os camaradas que têm uma boa posição na vida sabem que de fato não exercem nenhuma influência intelectual, eles exercem uma influência social, eles personificam algo. Eles são, por assim dizer, o adorno da classe dominante. Imagine uma situação assim: homenagem a Gilberto Freyre no Senado. Quantos daqueles senadores leram a obra de Gilberto Freyre? Um ou dois, no máximo. Isso quer dizer que o intelectual, mesmo quando respeitado e homenageado, ele simplesmente não é lido. A classe dominante brasileira é semi-analfabeta. Não é que não saiba ler, é que não quer ler, não quer estudar nada. Você imagine entrar no Senado brasileiro e conseguir ter uma conversa inteligente com aquelas pessoas. Quando nós estávamos no auge da cultura brasileira, quando o Rio de Janeiro era quase uma Atenas comparado ao que é hoje, se você procurasse no Senado, talvez você encontrasse dez homens de alguma cultura ali. Se você pegar a lista dos nossos presidentes, quantos deles foram homens de cultura? Aqui nos EUA eu cito uns vinte, trinta. Um sujeito que é tido como um bruto montes como Theodore Roosevelt era um crítico literário de primeiríssima ordem, escreveu livros importantíssimos. Abraham Lincoln foi um dos grandes estilistas da língua inglesa, era um Shakespeare da oratória, é um clássico da língua. E assim por diante, tem muita gente de altíssima cultura. Os tais dos Founding Fathers, são todos escritores de primeiríssima ordem. No Brasil isso quase chegou a ser verdade, durante um tempo, no Império, mas mesmo assim muito limitadamente. Esses escritores, esses intelectuais que são

aceitos na Academia, na verdade não exercem nenhuma função - nem política nem pedagógica -, eles são símbolos, são emblemas de um fingimento de cultura. E os camaradas que estão embaixo, pior ainda, porque mesmo que eles cheguem a ter um certo público - não se pode dizer que o Lima Barreto não foi lido, na sua época ele foi bastante lido -, a indústria editorial brasileira não lhes fornece meios de subsistência. O círculo de leitores é pequeno - no Brasil, quando um livro vende dois mil exemplares é um sucesso. Eu até tenho vergonha de contar isso aqui, porque se você não vendeu trinta mil exemplares as pessoas nem falam com você. Os que estão em cima estão numa posição existencialmente falsa. Frequentemente, são usados como empregados pelos políticos, pela burguesia etc. Um exemplo é o José Guilherme Merquior. No auge da carreira ele era um redator de discursos para alguém que não merecia engraxar os sapatos dele, ou seja, ele não exercia influência, usavam-no como emblema, como uma espécie de embalagem, e ao mesmo tempo lhe davam serviços que eram muito inferiores à sua capacidade. Imagine se eu fosse um político - um presidente da República ou presidente do Senado -, eu iria pedir para o José Guilherme Merquior escrever os meus discursos? Eu morreria de vergonha de fazer isso. Eu o convidaria para ser reitor de um universidade para poder educar as as pessoas, era isso que eu ofereceria a ele, não um lugar de redator dos meus discursos. Isso é uma vergonha! Foi uma abominação o que eles fizeram. No Brasil, isso é. Quer dizer que, quando um intelectual chega a ser conhecido e respeitado na sociedade ele é, por um lado, uma espécie de bobo da corte - aliás, nem bobo da corte, porque o bobo da corte é o sujeito que está autorizado a dizer a verdade na cara dos outros, e nem isso admitem, quer dizer, se você está lá na posição respeitável você tem de se comportar, mas pelo menos algum dinheiro você ganha. E se você está embaixo, aí meu filho, você está desgraçado, porque você não exerce influência nenhuma e às vezes não tem sequer os meios de subsistência. Por exemplo, essa dupla que eu dei - Machado de Assis e Lima Barreto -, em cada geração há uma dupla simbólica desse tipo. Eu veria, por exemplo, dois escritores contemporâneos que foram ambos meu amigos: Josué Montello e o João Antônio Ferreira Filho. Josué Montello era o presidente da Academia Brasileira, um homem respeitadíssimo, mas, se você chegasse no Senado e perguntasse: "Que livro do Josué Montello vocês leram?". Os caras não leram nenhum, jamais, embora sejam romances interessantíssimos. Talvez o brasileiro que mais sabia construir uma narrativa era Josué Montello, ele era um técnico, um engenheiro da narrativa mas mesmo assim as pessoas não liam. Me diga uma idéia do Josué Montello que tenha influenciado alguém? Nenhuma! Então, para que servia o Josué Montello? Colocaram ele lá na presidência da Academia para personificar a cultura brasileira, para fazer de conta que ela existe. E o coitado do João Antônio, que era um contista maravilhoso, nunca teve chance nenhuma na vida, viveu sempre como o Lima Barreto: entre bêbados e prostitutas. Ele começou a carreira dele em São Paulo, escrevendo as histórias de bêbados, bandidinhos e prostitutas, que era o pessoal que ele conhecia, num livro de contos maravilhoso chamado *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Eu, lendo aquilo, via a cidade de São Paulo que eu conhecia. É profundamente verdadeiro o que esse cara está escrevendo. Talvez com o

sucesso disso ele saia desse meio e vá para outro meio. Mas não, ele morreu lá mesmo; não em São Paulo, ele mudou para o Rio de Janeiro mas continuou por baixo. E assim por diante, cada geração tem seu Josué Montelo, seu João Antônio, seu Machado de Assis e seu Lima Barreto. Só escapa disso aí quem vai para o exterior, porque eu não sou besta: para eu ser áurico, um cara importante, eu seria um palhaço; e para ficar embaixo, ah!, ficar embaixo é muito desconfortável, minha gente. Já tive a minha dose de prostitutas e bandidos quando tinha dezoito anos, agora não quero mais não, quero conviver com pessoas normais.

“Como poderiam resistir os primeiros à tentação de produzir uma literatura que se limitasse a ser, na fórmula célebre de Afrânio Peixoto, ‘o sorriso da sociedade’?”

Afrânio Peixoto era um romancista não de todo mal mas que escrevia romances, vamos dizer, para divertir a burguesia. Ele dizia que a literatura é “o sorriso da sociedade”, e era o que ele fornecia, dava um sorriso para as pessoas.

“Que não é fácil, prova-o a afeição constante da Academia Brasileira às mediocridades coroadas, em prejuízo da genuína alta cultura.”

É claro que tem gente de valor na Academia Brasileira de Letras, porém tem uma dose de medíocres que não é admissível numa instituição desta. Não vou citar nomes porque todo mundo os conhece. [0:60] E a Academia não começou assim. Quando fundaram a Academia, existia um escritor no Rio de Janeiro muito popular, chamado Emílio de Menezes. Tratava-se de um humorista: escrevia umas coisas engraçadas, uns poemas satíricos, etc; e alguém sugeriu ao Machado de Assis, que era fundador e o primeiro presidente da Academia, o nome de Emílio de Menezes. Então, disse Machado de Assis: “Venha aqui, que eu vou te mostrar uma coisa”. Saiu para a rua, entrou por uma outra, e chegou a um bar, que era freqüentado por prostitutas e marginais. Lá havia, na parede, um retrato de Emílio de Menezes, que era o cliente especial daquele bar. Então Machado disse: “Estás vendo porque eu não posso convidar o cara para a Academia?”. Ora, um tipo como Emílio de Menezes, hoje, estaria certamente na Academia. É um sujeito que fornece um divertimento. Depois, porém, a coisa acabou desandando: apareceu um cidadão chamado Humberto de Campos, que escreveu uma série chamada *O Conselheiro XX*, que era uma série de historinhas pornográficas, ao final de contas, e no entanto estava lá na Academia. Mas, quando você vai ver o número de escritores de segunda, de terceira, quarta e décima ordem que foram colocados na academia — sem contar aqueles que não são escritores de maneira alguma, como o Marco Maciel, de quem eu li muitos artigos, e é o escritor mais chocho, mais vazio, mais bobo, que se diz o homem da direita, mas que é o sujeito mais politicamente correto que há, que só escreve bobagens. E ainda botaram lá o Ivo Pitanguy, cirurgião, que vivia consertando nariz de madame. Essa foi a sua atividade literária: esticar peito, puxar nariz. Não tenho nada contra isso, pelo menos ele tirou algumas monstruosidades de circulação; trocou por algo mais suportável. É, de certo modo, um homem de grandes méritos.

Eu sou a favor de que mulheres feias deveriam ser proibidas pela saúde pública. Sou muito grato ao Sr. Pitanguy por ter ele embelezado o Rio de Janeiro. Mas ele não escreveu nenhum livro que prestasse, nada que valesse a pena, e, portanto, ele não é um escritor, não é um representante da cultura de maneira alguma. Não é preciso citar mais nomes. Esse amor que a Academia tem pelo que se chama o medalhão — leiam “A teoria do medalhão”, do Machado de Assis, está tudo escrito lá: aquela figura intelectualmente oca, mas que personifica alguém importante para as letras brasileiras, não pela sua obra mas pela sua importância. É uma importância que personifica a importância, não tem mais nada além disso, só importância, o seu conteúdo é feito de importância. Então, quanto aos segundos, os intelectuais marginalizados:

“Seu destino estava selado desde que, nas primeiras décadas do século XX, entraram no Brasil os discursos revolucionários do anarquismo, do socialismo e do fascismo”.

Esses camaradas estão todos marginalizados, ressentidos com o mundo, absolutamente desesperados, e de repente chega uma teoria que dá uma explicação, um alívio e uma justificativa das suas existências. Eles dizem a si mesmos: “Ah, nós estamos assim porque somos os representantes do povo oprimido”. Bem, e quem está oprimindo o povo? Pode ser a burguesia, pode ser os judeus, pode ser qualquer um que se queira. Arruma-se um bode expiatório, diz-se que a culpa é toda daquela gente lá. É engraçado que os caras pudessem culpar o capitalismo num país onde não havia capitalismo nenhum. O capitalismo no Brasil começa na década de 30, 40. Mas esses discursos revolucionários que o pessoal imitava da Europa, embora não se adequassem à situação real, adequava-se à situação mental deles, dava-lhes um meio de expressar o seu ressentimento e a sua revolta ante o próprio fracasso em termos que pareciam enobrecidos por representarem altos ideais humanitários.

Existe um livro muito interessante de um autor marxista brasileiro chamado Roberto Schwarz sobre Machado de Assis. Ali ele chama a atenção para um fenômeno brasileiro: a proclamação da independência do Brasil foi uma obra de grandes senhores de terras — esses mesmos que eu estou mencionando aqui, os quais entendiam que a ligação a Portugal estava custando muito caro — que tinham capacidade para gerar um discurso político que correspondesse à sua realidade, então eles copiaram o discurso da Revolução Francesa e o da Revolução Americana sem perceber que esse discurso era contra eles mesmos. E até hoje se tem isso no Brasil: um sujeito que faz um discurso contra sua própria classe sem perceber que é contra a sua própria classe. Não é que ele esteja realmente contra ela, o fato é que não há conexão entre o discurso e a vida real política do sujeito. É o Cláudio Lembo falando da elite branca cruel, personificada por ele mesmo! Por mim é que não é: eu sou branco mas nem sou elite nem sou cruel; eu não sou capaz de fazer mal a uma mosca, ao contrário do que muitas pessoas acham.

Então, isso quer dizer que se os intelectuais da elite já levavam uma vida falsa, porque as suas obras serviam apenas como adorno e como emblema de importância, e não como portadoras de uma influência real — os intelectuais de elite no Brasil não eram como os filósofos no tempo do idealismo alemão, que ocupavam uma posição como de ministro de Estado, e eles eram ouvidos, eles influenciavam, e por isso mesmo tinham essa importância e as pessoas prestavam atenção ao que eles estavam dizendo. Agora, no Brasil, você bota o sujeito na presidência da Academia, você o coloca até no Ministério, mas não ouve uma palavra do que ele está dizendo e nem quer saber o que ele está dizendo. É o que fala o Brito Brocca: a vida social literária substituiu-se à própria literatura; a aparência de vida intelectual engole a própria vida intelectual. Só existe aparência, no final das contas. Se os de cima viviam essa situação falseada, **[1:10]** que para muitos deles poderia ser extremamente deprimente (como o foi, por exemplo, o caso do José Guilherme Merquior, que tinha uma aguda consciência da situação. Ele estudara o quanto estudara, fizera-se um sujeito eruditíssimo, para depois ser chefe de gabinete de um outro!, *ghost writer* de discurso de ministro!), os de baixo viviam uma situação pior ainda: não só não eram ouvidos, como não tinham sequer nenhuma recompensa material. É evidente que entre esses se disseminou um profundo ressentimento, para o qual os discursos do marxismo, do fascismo, do anarquismo etc., serviram como um veículo perfeito. Mas esse veículo era perfeito porque dava para eles uma aparência de justificação existencial, e não porque esses discursos expressassem a realidade da sua situação. Se fosse para expressar a sua situação, eles teriam escrito coisas semelhantes ao que escreveu o Osman Lins. O Osman Lins não finge que é um intérprete dos pobres, do proletariado, dos oprimidos, mas fala da realidade da sua classe, que é a classe dos intelectuais, e é dessa situação que ele está falando. Os outros não, eles fingem que são porta-vozes do proletariado, o qual, evidentemente, nem os está ouvindo. O escritor brasileiro que assumia essa posição ficava na situação de sentir-se ele o defensor de um povo que não estava nem ligando para o que ele estava dizendo. De certo modo, a alienação duplicava.

“Pouco a pouco esses homens foram se convencendo de que a dignidade da sua existência não se devia fundar na qualidade insígnia da sua produção intelectual, mas na sua colaboração ou adesão a movimentos políticos empenhados, ao menos da boca pra fora, em corrigir os males do mundo.”

Notem: os dois heróis trágicos de Graciliano Ramos, Luís da Silva e Madalena (esposa de Paulo Honório) são intelectuais, nenhum deles é proletário, nenhum deles é um pobre, e, quando no seu romance final, *Vidas secas*, o Graciliano finalmente consegue dizer alguma coisa sobre os pobres, ele faz de uma maneira que chega a ser, digamos, paradoxal. Porque ele mostra que a situação do pobre em grande parte é responsabilidade do próprio pobre. Fabiano, o herói de *Vidas secas*, fora humilhado por um soldado com a metade de seu tamanho, pois Fabiano é grande, forte. A agressão ocorreu na cidade, na frente de todo mundo. Um dia, caminhando por uma estrada, Fabiano encontra aquele mesmo soldado, sozinho. Ele pensou: “É agora! É o dia da vingança!”. Mas quando chega perto do

homem, Fabiano pensa: “Opa!, governo é governo!”, e decide a não meter-se com o soldado. Ele tem um respeito instintivo, um respeito sacro pelas coisas do governo, de modo que aquele soldado deixa de ser um idiota qualquer que o agrediu e passa a ser a personificação de uma coisa sacrossanta, que é o governo. Eis aí uma mentalidade profundamente autoritária imbuída no coração do próprio pobre. Graciliano não encontra, entre os pobres, dos quais ele desejaria ser porta-voz, alguém que personifique as virtudes necessárias a uma ação revolucionária, a uma mudança do estado de coisas. Ao contrário, se a vida na esfera da burguesia já era deprimente e acachapante, a do pobre era mais acachapante ainda. Você pode dizer que a única pessoa inteligente que há em *Vidas secas* é a cachorrinha Baleia. Aliás, existe um ensaio maravilhoso do Otto Maria Carpeaux, onde ele mostra que a visão que o Graciliano Ramos tem dos animais é uma visão quase budista; Graciliano não humaniza a cachorra, mas percebe os sentimentos da cachorra. É um amor não tanto ao ser humano mas ao ser vivo, de modo geral. Quer dizer, os grandes momentos do *Vidas secas*, escrito por um autor comunista, o que há de marxismo neles? Nada. Não há nada de marxismo na obra de Graciliano Ramos, o que há é um protesto da classe intelectual contra o seu, vamos dizer, antagonista, o burguês — ainda que ele próprio seja também um burguês. É um conflito interno da burguesia, um conflito da classe média com a grande burguesia, um conflito da classe média com a própria classe média, a classe média letrada contra a iletrada. E, quando Graciliano entra no mundo da pobreza, a única criatura com quem ele se identifica é a cachorra. (É impossível você ler isso e não lembrar da musiquinha daquele sujeito, o Waldick Soriano: “Eu não sou cachorro, não”. Ora, como não é? É sim!) Então:

“O que pode haver de mais sedutor que vingar-se de um sentimento pessoal de exclusão sob a desculpa de lutar em favor dos pobres e oprimidos? Gradativamente, os professores e escritores ditos de esquerda foram abdicando de seus deveres intelectuais e passando a buscar uma legitimação existencial na mera aprovação solidária de seus companheiros de militância.”

A expansão da instituição universitária no Brasil, a partir dos anos 40, apressa esse processo porque começa a agrupar essas pessoas, esses intelectuais e lhes dá meios de sobrevivência, modestos, é verdade, mas constantes e seguros. Isso dá uma certa segurança, segurança de funcionário público. Agrupados assim, eles podem se fortalecer mutuamente, e cria-se a mentalidade de assembléia estudantil. Tal assembléia continua totalmente separada do povo, ela constitui, digamos, uma pequena subelite, que vive ali os seus problemas universitários, frequentemente fictícios. Por exemplo: havia muita greve por causa do aumento no preço da refeição nos restaurantes universitários; se havia passado de cinquenta centavos para 55 centavos o almoço, eles diziam que aquilo era opressão do proletariado. Quer dizer, todos aqueles filhos da classe média e alta, que iam na universidade com seus carros fingiam que não podiam pagar uma refeição a 55 centavos, e passavam a criar todo um mundo de fantasia no qual eles eram o povo pobre e revoltado contra o opressor burguês. Nessa subcultura de assembléia estudantil não se exigia muito dos seus membros no aspecto

intelectual, exigia-se somente a solidariedade. Você tem de ser um companheiro, você tem de participar do nosso movimento, etc. Aos poucos, isso passa a ser o critério único de aceitação. Inicialmente, existe ainda um certo amor à qualidade intelectual, porque, se os representantes da burguesia tem de ter algo a apresentar, o representante “da nossa classe” também precisam tê-lo. Então, eles tem os seus ídolos intelectuais, e quando não se tem um, é só inventá-lo, de modo que um sujeito que se apresente como intelectual, embora não o seja — como Antônio Cândido, Florestan Fernandes, que são duas bestas quadradas, mas que são tratados pelo pessoal da esquerda com adoração. O Antônio Cândido porque não cometia erros de português demasiado evidentes, o Florestan porque conseguia escrever livros de sociologia que eram quase um traslado das doutrinas de Stálin transformadas em “sociologuês” (e escrevia horivelmente mal, coisa muito difícil de ler, o que dava a impressão de ter alguma substância...)

“Gradativamente, foram abdicando de seus deveres intelectuais, passando a buscar uma legitimação existencial na mera aprovação solidária de seus companheiros de militância.”

Considerem, por exemplo, Lima Barreto. [1:20] Lima Barreto era um pobre, marginalizado, fracassado, mas que tinha uma consciência literária extremamente aguda. Tinha uma ânsia de produzir uma literatura de alto nível, mesmo que ninguém lesse, mesmo que ele não obtivesse nada com isso; tinha ele um sentido de dever literário. No Brasil, isso aos poucos vai sendo perdido.

“O golpe de 1964 forneceu-lhes o pretexto final. Os romances *Quarup* de Antônio Calado e *Pessach – A Travessia*, de Carlos Heitor Cony, ambos de 1967, soaram o apelo fingidamente heróico à transformação dos letrados em militantes.”

Em ambos os romances, a mensagem se identifica. Num deles, o protagonista é um padre da teologia da libertação; no outro, trata-se de um escritor carioca, sujeito *bon vivant* etc. Os dois, no desenrolar dos acontecimentos, terminam por aderir à guerrilha. Eles abdicam da sua vida intelectual para se tornarem “heróis da revolução”. E nessa mesma época, Otto Maria Carpeaux publica uma antologia dos seus artigos de crítica literária sob o título *Vinte anos de literatura*, onde, no prefácio, ele diz: “Com este livro eu encerro a minha carreira literária. Daqui para diante, vou-me dedicar inteiramente à causa dos estudantes brasileiros”, ou seja, à causa do movimento estudantil. Quer dizer, o apelo não foi só na literatura, o que eles diziam se mostrava na realidade.

“A universidade foi o forno alquímico onde se consumou a transformação dos intelectuais em ‘intelectuais’ no sentido gramsciano do termo. Isto é, ativistas políticos sem nenhuma obrigação mental específica, diferenciados tão-somente pela instrumentalização sua atividade *soi disant* artística, intelectual ou científica, a serviço da causa esquerdista. A redução da vida intelectual a megafone de interesses partidários e a conseqüente *débâcle* da alta cultura no Brasil estão bem documentadas no meu livro *O imbecil coletivo*, de 1996.”

Pois o que foi que eu fiz n'*O imbecil coletivo*? Eu peguei um mostruário de cretinices óbvias, mas em número excessivo, que superlotavam a imprensa cultural, a mídia em geral, as publicações acadêmicas, cursos e conferências. Eu pensei: “Esse pessoal está ficando todo de miolo mole!” Todos abdicaram dos deveres específicos da vida intelectual e passaram a legitimar essa vida em função de outros critérios: a participação solidária, a assinatura dos mesmos manifestos, o ataque verbal às mesmas pessoas. Uma vez que o sujeito fez isso, ele se sente bem, sente que sua vida está justificada. Nesse caso, os deveres do intelectual, do professor, não são diferentes dos deveres de qualquer militante. O militante sindical tem que participar das assembléias, tem de ir às passeatas para as quais é mandado que vá, tem de obedecer às palavras de ordem etc. E o professor universitário, o que lhe toca fazer? Exatamente a mesma coisa! Não há mais deveres intelectuais específicos. Eu publiquei dois volumes d'*O imbecil coletivo*, mas dá para fazer vários outros, porque, se você pegar todos os meus artigos dessa época que documentam tal fenômeno, tudo aquilo compõe um *O imbecil coletivo* que dá uns cinco ou seis volumes. E eu o fiz com a idéia de documentar, e acho que está documentado. Os casos são tantos (passam de dez, vinte, trinta...), que você pensa: “isso é realmente um fenômeno sociológico”.

“Depois disso, porém, muita água rolou. A casta gramsciana chegou ao poder, já no governo Fernando Henrique, consolidando-se no governo Lula a versão tupiniquim da *trahison des clercs*”

Traison des clercs, ou “traição do clérigos”, é um nome que o filósofo franco-judeu Julien Benda usava para designar esse fenômeno em que a vida intelectual que se torna mero instrumento do combate político a favor de um ou outro partido, pouco importa. Esse fenômeno foi geral no começo do século XX.

Porém, na medida em que se abdicavam dos grandes princípios da vida intelectual — o conhecimento objetivo, o pensamento lógico, a razão etc. —, pelo menos não abdicavam de uma certa qualidade literária, estética, mas no Brasil abdicou-se de tudo. De modo que a versão tupiniquim da *trahison des clercs* é caricaturalmente ampliada. Se vocês lerem, por exemplo, o doutor Emir Sader, ou o frei Beto, ou Leonardo Boff, vocês percebem que eles não atendem a nenhum dos requisitos mínimos da vida intelectual. Eles não sabem escrever, eles não sabem nada; eles não sabem fazer um artigo sem três ou quatro deformidades lógicas fantásticas. Quer dizer, são escritos sub-ginasianos. Mas são aceitos como intelectuais porque isso interessa ao partido. Então, se havia uma casta intelectual de elite que servia de adorno para a classe dominante, cria-se agora uma subelite intelectual que serve de adorno para o movimento estudantil, para o PT etc. A coisa é farsesca nos dois casos, só que nesse segundo caso a farsa é internalizada. Machado de Assis, por exemplo, sabia que o estavam usando como um adorno, e nos seus próprios livros ele descreve com um realismo cruel a sociedade farsesca que o promove. Quando ele escreve “A teoria do medalhão”, ele sabe que ele próprio é louvado e apreciado como um medalhão, e não pelo conteúdo substantivo dos seus livros, porque, quando ele

lia os seus escritos, decerto dizia “se entenderem os meus livros, eles vão me matar! Porque sabem que eu estou falando deles”. No entanto, as pessoas liam e gostavam justamente porque não se identificavam com aquela descrição cruel. Então, aí se tem uma situação farsesca, mas ela é externa, e o escritor, se quiser, pode-se preservar disso. Machado de Assis se preserva através da extrema discrição. É um homem que não se abre com ninguém, muito educado, fala com todos, mas seus pensamentos são como que secretos, só vão tomar forma em seus livros. Nem aos amigos falava de seus pensamentos. Outro modo de preservar-se é como o faz o personagem do Lima Barreto, Gonzaga de Sá, através do isolamento efetivo, do isolamento físico. Porém, quando nós chegamos ao ponto crítico, cria-se essa sub-cultura dos intelectuais marginalizados que agora têm meios de subsistência e de organização e criam então a sua própria cultura de adorno, cujos representantes internalizaram a farsa e já não sentem qualquer apelo de dever intelectual — o seu único dever é o dever para com o partido.

“Consolidando-se no governo Lula a versão tupiniquim da *trahison des clercs* no momento em que, tirando por fim a máscara, os representantes nominais da alta inteligência passam a celebrar a abjeta incultura presidencial como uma prova de méritos sublimes, quando não de algum carisma profético.”

Eu tenho aqui em vista o Raimundo Faoro, que era presidente da Academia Brasileira de Letras, e que propunha a eleição do Lula para a Academia! Vê-se então que, aí, esses representantes da “sub-alta inteligência”, a alta inteligência dos estudantes, dos militantes, etc., já reconhece que a inteligência, a alta cultura, a ciência, o conhecimento não têm importância nenhuma para ela. Só o que interessa é o poder do partido. Eles tiram a máscara mesmo.

“A vingança triunfal dos antigos intelectuais ressentidos, transformados em arrogantes apologistas da ignorância, consagra de maneira aparentemente definitiva a completa destruição da vida intelectual e da educação no Brasil.”

Quando estudamos esse fenômeno, temos de ter em vista duas coisas: primeiro, o que está acontecendo agora, quais são as ações que estão produzindo essa situação; em segundo lugar, é preciso ver qual era a retaguarda, qual era o terreno preexistente que tornou essa ação tão fácil. Num país como os Estados Unidos, por exemplo, para que se possa implantar uma situação dessas, falta muita coisa, porque, primeiramente, é preciso destruir a cultura existente. Já no Brasil isso foi muito fácil, uma vez que a cultura era incipiente, ela já tinha em si o elemento farsesco, ela já era frágil, algo que quebra logo ao bater-se.

É dentro disso que vocês estão vivendo, e aí chegamos à resposta da carta do Rafael Resende Stival. Ninguém pode ser totalmente sozinho, nem todo mundo é um M.J. Gonzaga de Sá. Nem todo mundo pode sobreviver no meio disso. Eu sobrevivi porque o meu nome quer dizer sobrevivente. [1:30] Meu nome é uma profecia. Eu sou como aquela planta que você enterra na areia do deserto a 50 metros de profundidade e ela vai sobrevivendo ali, quietinha; lança um galhinho

de vez em quando, depois some de novo. Eu sobrevivi assim. Eu sobrevivi porque a minha infância foi tão ruim, que qualquer coisa que viesse dela, para mim era lucro. Quando leio aqueles versos do Casimiro de Abreu: “Ai que saudades que eu tenho da minha infância querida”, eu morro de dar risadas. Ainda bem que acabou aquela porcaria de infância, que coisa horrorosa. E quaisquer que tenham sido os problemas que eu enfrentei depois, comparados com o modo como eu comecei, nada parou de melhorar pra mim.

Eu sou um sujeito atípico. Eu já estava semimorto e para quem está semimorto tudo que vem depois é vantagem. Dá para agüentar essas situações. Eu comecei a perceber o meu próprio isolamento intelectual depois de eu estar vinte anos dentro dele. Durante muito tempo eu lia lá meus livros, vivia no meu mundo imaginário e ao mesmo tempo fazia o meu trabalhinho jornalístico; não me metia na vida de ninguém, não nada palpite sobre nada e estava me divertindo, estava achando ótimo ler aquelas coisas. Não tinha ninguém com quem conversar, mas, como nunca tinha tido antes, você não percebe que a coisa está fazendo falta. Estava fazendo falta objetivamente, mas subjetivamente não me afetava. Mas note bem, isso não é o caso da maioria. Em geral, as pessoas vão sentir esse isolamento. Se me achavam esquisito, estranho, eu realmente não ligava, não por me achar superior, mas por real indiferença. Quando eu encontrava os livros, por exemplo, do Otto Maria Carpeaux, depois comecei a ler muito Ortega y Gasset, e Julián Marías, eu ficava tão maravilhado com aquilo, e quando apareciam esses camaradas no Brasil eu ia vê-los e conversar com eles. Apareceu o Julián Marías e eu fui lá conhecê-lo, mas se me achassem esquisito por causa disso, a coisa não me dizia respeito. A opinião dos outros não me dizia respeito, porque eu também não tinha nenhuma opinião a respeito deles. Se não gostassem muito de mim, eu não ficava sabendo, nem tinha notícia. Eu casei muito cedo, tinha filhos, tinha aquelas crianças maravilhosas e eu as adorava. De certo modo eu estava feliz no meu isolamento, na minha miséria social. Não imaginava jamais que um dia pudesse desempenhar um papel público importante. Eu achava que ficaria sempre daquele jeito. Foi no instante em que eu comecei a desempenhar um papel público, comecei a ensinar, a falar, eu percebi como a minha vida tinha sido anormal. Eu falei: “Espere aí, mas uma solidão dessa não existe”.

O Bruno Tolentino, que saiu do Brasil com 18 anos e passou trinta anos na Inglaterra convivendo com o meio mais fértil intelectualmente que existia no mundo — todos os amigos dele eram pessoas altamente intelectualizadas —, sempre me perguntava: “Mas como é possível? Como é que você fez isso?”. Eu não sei, não tenho a menor idéia. Eu nunca tive outra vida. Agora, comparando com a sua vida, eu vejo que você estava lá comendo caviar e eu estava aqui roendo pedra; mas se você não tivesse me avisado, eu não teria percebido

Eu sobrevivi a isso, mas não posso dizer que me fez bem. Não posso, de maneira alguma, dizer que foi bom. Se tivesse que fazer tudo de novo, claro que faria, mas agora eu faria reclamando. Do mesmo jeito que, quando eu era criança, eu não reclamava de estar doente, porque eu nunca tinha estado saudável. Mais ou

menos, na minha ingenuidade, eu achava que todo mundo passava por aquilo. Eu ficava lá com febre o dia inteiro, dor no corpo, não podia respirar. A vida é assim. Nunca me lembrei de pensar como seria se não fosse assim, porque não tinha experiência anterior. Toda a minha vida foi muito anormal nesse sentido. De certo modo é bom, porque eu sobrevivi de alguma maneira. Graças a eu ter sobrevivido, posso transmitir a vocês as coisas que aprendi com outra geração. Nem tudo, claro.

Mas a pergunta que o aluno coloca é o seguinte: *“Como você vai sobreviver afetivamente nesse meio?”*. Eu digo: Se você casar e tiver muitos filhos e cachorros como eu tive, de certo modo a sua vida afetiva estará preenchida. Os meus parentes, sobretudo os parentes da minha mulher me achavam o cara mais esquisito do mundo, mas como eu não estava interessado na amizade deles — nem na amizade, nem na inimizade — para mim era indiferente. Os meus filhos gostam de mim, o meu cachorro gosta de mim, para mim está bom. Se as suas ambições afetivas forem tão modestas quanto as minhas. Sem contar que antes de casar eu tinha um monte de namoradas. Trocava de namorada toda semana. Tinha um monte de empregadinhas domésticas que gostavam de mim. Para mim isso era mais riqueza do que eu tinha esperado.

As pessoas diziam: “Não, mas você é um tipo diferente, você é uma espécie tatu bola que vive embaixo da terra”. É verdade. Mas, e as pessoas que esperam algo de seus amigos? Esperam algo de seu meio ou, como aqui, dos seus familiares? Eu vou te dar um conselho: Desista. Você não vai conseguir nada. Porque nós sempre precisamos lembrar aquilo que dizia São Tomas de Aquino. A amizade consiste em: “*Idem vele, idem nole*”, querer as mesmas coisas e rejeitar as mesmas coisas. Você só pode ser amigo de quem ama aquilo que você ama. Se aquilo que você ama, que é mais precioso e elevado para você, para os outros não é nada, é uma coisa desprezível, você não pode ser amigo deles. Você pode ser bom para eles. Bom como a gente dever ser bom para todo mundo. É a regra do Goethe: “Um homem deve ser digno, prestativo e bom”. Seja digno, prestativo e bom para todas as pessoas, quer te compreendam, quer não te compreendam, mas não as considere suas amigas e nada espere delas. Considere-se afortunado, porque aqui nós acabamos de criar um meio social para você. Através deste curso, nós aqui juntamos mil pessoas, mais de mil. Aqui, entre as pessoas que querem as mesmas coisas, estão os seus amigos. É entre as pessoas que têm o mesmo objetivo de vida que você deve criar relações afetivas, amizade, namoro, amor. Tudo, tudo aqui. Essa ilusão de que você pode ser amigo de todo mundo. Não, você pode ser bom para todo mundo. De um amigo, de uma esposa sempre você espera alguma coisa, dos estranhos você não pode esperar nada. Às vezes vem dos lugares mais inesperados, mas foi porque Deus quis. Se você esperar que eles o compreendam no mais mínimo que seja, você vai perder seu tempo.

Ao longo deste curso eu pretendo treina-los para que mais tarde vocês exerçam uma ação educativa sobre a sociedade de modo geral. Mas vocês só poderão fazer isso, só estarão firmes para fazer, quando vocês não precisarem mais dessa sociedade, porque a ação educativa sobre a sociedade consiste em dar o melhor

que você tem e em troca você receber cuspidas, pedradas, xingamentos etc. Se você não é capaz de fazer isso e permanecer indiferente, impávido colosso, não entre. Meu falecido professor de artes marciais, Michel Veber, dizia: “Antes de aprender a bater, você precisa aprender a apanhar.” Enquanto as pancadas estão doendo, você não está pronto para começar a bater. Você tem de adquirir certa casca, uma distância, uma indiferença, e um senso da sua superioridade. Você precisa ter isto.

Esse senso da sua superioridade não é para você se envaidecer, ao contrário, é para imbuí-lo de um senso de dever. Você tem certas obrigações porque você tem certas qualidades; e justamente porque você tem certas qualidades, você não deve ligar para a opinião das pessoas que não têm. Você quer uma coisa mais improdutiva, mais inviável do que você esperar [1:40] uma resposta afetuosa de pessoas que não têm condições de compreendê-lo?

Amar quem está acima de você, olhar para cima e ver que tem algo superior, ter um amor pelo superior já é o caminho da santidade. Esse amor que nós temos a Deus é assim. Deus precisa de nós? Não, não precisa. Você pode ajudá-lo? Não, você não tem nada para dar para Ele e ainda assim você o ama. Isso é muito difícil. É mais fácil você amar o pequeno, o mais fraco. Por quê? Porque você se sente superior a ele na hora em que o ajuda. Eu espero que, ao longo deste curso, vocês aprendam a olhar a sociedade humana como se ela fosse um bando de meninos da FEBEM. São pessoas burras, incultas, incompreensivas, sem experiência da vida, não sabem nada e ao mesmo tempo são arrogantes, brutais, violentas, e vão querer dar palpite na sua vida. É para ter amor por essas pessoas? Sim. Mas não um amor que espera recompensa, é o amor que um educador tem sobre os seus alunos — mas não alunos de nível universitário nem de pré-primário, mas de meninos da FEBEM mesmo. Você vai ter de dar muito para eles e não vai receber nada em troca; se receber, vai receber o pior que tem.

É essa mentalidade que você deve ter. Se você mesmo reconhece que tem uma expectativa afetiva, então você vai se dar mal. O que você fizer pela sociedade brasileira, a sociedade não vai te recompensar. Deus vai te recompensar da maneira que Ele achar, mas não há outra recompensa. Você só pode realmente ajudar aqueles dos quais você não precisa. Você sabe a história do bom samaritano? O homem foi assaltado, estava ali no chão: passou um parente e não ligou, passou um amigo e não ajudou, então passou um camarada que ele não conhecia, que era de uma cidade em que todo mundo era considerado desprezível, a tal da Samaria. O que poderia vir de bom dessa cidade? Nada. Mas o cara dessa cidade pegou a vítima, levou-o até uma hospedaria, deu dinheiro para os caras e disse: “Cuidem dele, está aqui o dinheiro.” E foi embora.

O que o bom samaritano ganhou? Nada. Ele nunca mais ouviu falar daquele cara. Esse é o verdadeiro próximo, e é isto que você tem de ser para quase a totalidade da população, quase a totalidade das pessoas que encontrar. Então, o que você vai fazer? Você vai pegar esses camaradas todos estropiados, colocar

uma atadura, dar um dinheiro para cuidar do cara e vai embora cuidar da sua vida. Não espere nada deles.

No Brasil, hoje, é desse tipo de intelectual que nós precisamos. Eu só conheço um, que sou eu, mas precisa muitos. Não pense que tem muita gente fazendo o que eu estou fazendo. É uma ilusão. Tem gente que acha que eu estou fazendo é o que está fazendo o Reinaldo Azevedo, o fulano, fulano. Não, não. Isso é essa loucura. Não se pode comparar escritos jornalísticos com uma filosofia inteira, com trinta cursos que eu dei. Não tem o menor sentido. A imagem jornalística que eu projeto é uma coisa e o que eu estou fazendo é outra. Só quem está fazendo esse tipo de trabalho sou eu, mas um não basta. Se daqui saírem um para cada dez: cem pessoas. Eu digo: “Ah, bom! Dá para começar”. Mas essas cem pessoas precisam ser homens de ferro, homens que não precisam da afetividade de quem não os compreende. Precisar da afetividade todo mundo precisa, mas busque nos seus iguais, não nos seus diferentes. Aos diferentes você pode dar, você pode ser bom, você pode ajudar, mas não espere nada. A amizade no sentido de onde há uma reciprocidade é só com os que querem as mesmas coisas, com os que têm o mesmo sentido da vida, o mesmo sentimento de obrigação, os que amam a mesma coisa.

Quando eu era jovem, todo mundo lia o Saint Exupery e tinha, no livro “Terra dos homens”, aquela famosa frase: “Amar não é ficar olhando um para o outro, mas olhar juntos para a mesma direção”. Todo mundo leu aquilo na minha juventude. Esse livro está em todos aqueles caderninhos que as moças tinham para coletar as assinaturas dos amigos. Punha lá uma florzinha, uma casinha, você assinava embaixo e elas diziam: “Escreve no meu álbum: Fulaninha, você é maravilhosa. Assinado fulano”. Toda menina tinha um caderninho desse e botava lá as frases do Saint Exupery. Mas a frase é seria, é a pura verdade. O que ele disse é o que são tomas de Aquino disse. Se você não aceita a versão mais popular do Saint Exupéry, eu te dou a mesma frase em latim, já mais respeitável: “*Idem vele, idem nolle*: Querer as mesmas coisas e rejeitar as mesmas coisas”.

Se nós conseguirmos isso, nós teremos criado o que? Um círculo de amizade intelectual, que é uma coisa de um poder extraordinário para cada um de nós e para a sociedade em geral. Eu vejo o efeito que eu, sozinho, consigo desencadear, na medida em que não preciso da aprovação de ninguém. Se você tiver um círculo de pessoas assim, uma intelectualidade consciente dos seus deveres e consciente do seu valor também, e, portanto, um círculo de intelectuais que não admitem ser julgados por pessoas intelectualmente inferiores, aí você tem um poder de irradiação, um poder pedagógico muito profundo e muito sério; e esse é o nosso objetivo aqui.

O assunto dessa aula é uma continuação direta da primeira aula deste curso. Se vocês olharem a transcrição, vocês verão que ali eu me refiro ao fato de que, quando a filosofia é fundada por Sócrates — os pré-socráticos não eram filósofos no sentido que depois Sócrates, Platão e Aristóteles dão a esse termo — a filosofia começa como uma filosofia política e, de certo modo, como um estudo

sociológico. Sócrates continuamente chama a atenção dos seus ouvintes para a verdadeira situação social, cultural, existencial, desde a qual eles estão eles partindo para examinar aqueles assuntos. Isto é uma coisa que depois se perde completamente. É uma espécie de auto-sociologia da atividade intelectual, é uma coisa absolutamente essencial para que você não caia no negócio da paralaxe cognitiva ou numa alienação pior ainda, porque a paralaxe pode acontecer a qualquer um. Acontece nas melhores famílias. Mas essa situação de alienação completa que tem no Brasil, em que o sujeito diz pertencer a uma classe e acreditar que está em outra classe, isso aí é absolutamente incompatível com a realidade, a dignidade e a substância da vida intelectual. Esta permanente análise da sua situação, existencial, cultural, real e sociológica é fundamental.

Aqui tem uma pergunta, que tem algo a ver com isso.

Aluno: na aula 43 o senhor ponderou a dificuldade de articulação interdisciplinar entre as diversas ciências, devido ao vácuo existente entre o edifício teórico de cada uma e a própria fragilidade dessas estruturas. Pois bem, poderia a experiência individual do cientista preencher esse vácuo de modo a permitir, se não um pleno diálogo interdisciplinar, ao menos uma maior clareza da realidade perseguida? Um aperfeiçoamento de alguma técnica correlata às ciências em questão?

Olavo. Perfeitamente. É exatamente isto: é na consciência individual que o material bruto do conhecimento que é produzido pelas diversas ciências se transforma em conhecimento efetivo. Lembre-se: registro de conhecimento não é conhecimento. A coisa só se torna conhecimento quando alguém conhece, quando aquelas possibilidades que estão contidas no registro são reatualizadas por novos atos cognitivos que não só efetivam a compreensão daquilo mas a integram dentro da estrutura de uma consciência humana real. É absolutamente ridículo [1:50] você achar que as instituições de educação de ciência etc, podem continuar produzindo registros e mais registros e mais registros enquanto o problema da apreensão e absorção disso por uma consciência individual ninguém que nem saber. Na verdade, apura coleção de registros, é a coleção de meras possibilidades de conhecimento; é como comida condensada: você precisa colocar água ali para a comida crescer e virar comida efetivamente.

A consciência individual é o ponto onde se articula tudo isso, porém, eu não digo isso no sentido husserliano de que a consciência é o centro de tudo, não é no sentido idealístico. Eu precisaria de outra aula para explicar isto, pois quando eu disse na primeira aula que Santo Agostinho descobre que o autoconhecimento é o fundamento de toda a Filosofia, não é o autoconhecimento no sentido individual e subjetivo, que é o autocomhecimento obtido na confrontação com o observador onisciente e, portanto, com a objetividade em escala máxima. Se você lembrar do famoso verso do Mallarmé — *Tel qu'en Lui-même enfin l'éternité le change* —, isto quer dizer que Deus o conhece na sua inteireza, na sua realidade que independe do seu viés subjetivo; Ele conhece aquilo que você realmente foi, aquilo que você realmente fez, aquilo que você realmente pensou

e realmente quis. Deus [1:51:30] e corações, ou seja, ele conhece você na sua inteireza, situação, circunstância etc. Quando você se confronta com esta espécie de supraobjetividade é que o seu autoconhecimento passa a valer alguma coisa, porque se for só consciência subjetiva você cai no negócio idealístico e faz tudo girar em torno do seu eu. A grande novidade de Agostinho, que continuou sendo uma novidade tão grande que até hoje as pessoas não entenderam direito, é essa profundo e essencial articulação de consciência subjetiva com conhecimento objetivo. Para mim, todos os conhecimentos científicos, todo o legado que está depositado em registros adquire valor no instante em que é absorvido por uma consciência ao ponto da consciência poder confessar aquilo ao próprio Deus como verdade. Se você aprendeu alguma coisa sobre a mecânica quântica, em que sentido você acha que isto é verdade? A mecânica quântica é uma coisa muito exata, mas não é plenamente verdade porque ela não tem um sentido, ela é admitida como um fato, porém, um fato não é uma explicação e ter obtido apenas uma medição exata de um conjunto de fatos[...]Nós precisamos lembrar aquilo que dizia o grande filósofo português Leonardo Coimbra: se nós supusermos que o mundo funciona mecanicamente, se aderirmos ao preceito mecanicista, tudo estará explicado? Não, porque existem vários esquemas mecânicos diferentes possíveis que poderiam ser adotados para explicar a realidade. Ou seja, mesmo admitindo-se o total mecanicismo e, portanto, o determinismo de tudo, resta o problema de como tudo estaria determinado. Existem, portanto, muitas teorias mecanicistas diferentes, então o próprio mecanicismo não explicaria nem determinaria tudo, mas continuaria dentro da indeterminação, por isso Leonardo Coimbra dizia não entender por que diziam ter de existir um determinismo mecanicista e um indeterminismo: se há um determinismo mecanicista, ele é indeterminista da mesma maneira. E ele tinha toda razão em dizer isto.

Aquilo que você não absorveu, aquilo cujo sentido profundo não lhe apareceu de maneira autoevidente, você tem de confessar que não sabe. A maior parte dos cientistas praticantes não sabe que não sabe, porque eles aceitam como conhecimento aquilo que é convencionalmente aceito por toda a comunidade científica; e esse critério não é o bastante. Em cima disse, é preciso exercer a fiscalização crítica que se pergunta: eu tomei ciência desses fatos, mas isso é conhecimento ou é apenas uma semente de conhecimento? Se não há uma perfeita compreensão, uma perfeita inteligibilidade, não há conhecimento ainda. Esta é a técnica agostiniana da confissão. Confessar os nossos pecados a Deus, todos nós que somos católicos o fazemos — e os protestantes, às vezes, o fazem diante de toda a comunidade —, mas será que é este o nível de sinceridade que Deus quer de nós? Não, não é isso. Quando a Bíblia diz “caminhar diante de Deus”, isto não quer dizer “eu estou lendo a Bíblia e fazendo tudo direitinho”. Você está fazendo um teatro diante de Deus! Você tem de ser translúcido para Deus, tem de mostrar a sua alma na sua inteireza, como ela é mesmo, se não a confissão não é nem um ato ritual, mas teatral. Então, você tem de confessar também os seus conhecimentos a Deus para que Ele os julgue; e quando você mostra os seus pretensos conhecimentos, então você é às vezes obrigado a confessar que eles não são conhecimentos ainda. Por isso, o miolo da minha

Filosofia é o que eu chamo o “Método da Confissão”, o método não só da Filosofia mas o método que tem de ser usado em todas as ciências, que é o método de transformar registros de conhecimento em conhecimento efetivo e, portanto, de conseguir julgar os seus conhecimentos. A suposta certeza científica de tal ou qual fato, de tal ou qual teoria, além de ser uma coisa utópica em si mesma, ainda que ela existisse não seria conhecimento, porque não tem inteligibilidade completa. Agora, as coisas que têm inteligibilidade completa você deve confessá-las a Deus: eu sei disto. Por exemplo, a inteligibilidade completa dos seus pecados, porque você acompanhou a formação deles, sabe aqueles pensamentos, o que você quis, o que você pretendeu. Você é o autor daquela coisa, então para você aquilo tem inteligibilidade. Ninguém sabe mais a respeito disso do que você mesmo, só Deus; então, na hora em que você apresenta a Ele, você compreende mais ainda. Você apresenta aquilo que já está inteligível e Deus acrescenta luz em cima de luz. Então, não é só confessar os pecados, é estar diante de Deus, é abrir a sua alma e o seu conteúdo dizer: Deus, olhe como eu estou. Me ajude pois estou confuso, não estou entendendo.

Por isso a prática deste método exige aquilo que fazia Sócrates, que tinha como ponto de partida da Filosofia a sua própria situação real. Sócrates conhecia os seus interlocutores, e a sociedade ateniense tinha para ele uma transparência, como tinha para todo mundo, ou seja, todo mundo conhece as instituições e as leis. Hoje a sociedade não é tão simples nem tão esquemática quanto era a sociedade ateniense, mas isso não nos desobriga de tentar entendê-la, porque é dentro dela que nós estamos. Essa sociologia da vida intelectual é absolutamente essencial como começo; mas ela já é a prática da Filosofia, porque esta é a atividade principal de Sócrates: levar as pessoas a compreender a sua situação existencial real e as limitações e os entraves que os próprios hábitos socialmente adquiridos impõem ao seu conhecimento. Uma série de opacidades, de tabiques mentais etc, que nós vamos removendo um a um, trabalhosamente.

Eu citei até a cena em que Alcibiades tenta ter uma relação sexual com o velho Sócrates — eu não posso entender como o sujeito faz isso, seria mais ou menos como eu ir para a cama com o Marco Aurélio Garcia; [02:00] eu não posso compreender por que ele quis isso. Mas ele foi lá, falou com Sócrates e Sócrates deu a entender que ele não estava agindo como um filósofo porque ele estava querendo a coisa carnal sensível, ele não estava entendendo onde estava a verdadeira beleza que ele via em Sócrates, que não podia ter acesso por via sexual. Mesmo que Sócrates fosse mulher, ou o contrário, Alcibiades fosse mulher, não tem jeito de comunicar isso sexualmente. “O que você está querendo, hein?!” Está querendo um milagre, não se pode fazer isso. Sócrates diz para Alcibiades fazer suas festinhas pra lá que ele iria dormir. E Alcibiades diz: dormi ao lado de Sócrates, mas foi como dormir ao lado de um poste, não aconteceu nada. Sócrates está mostrando o que é a diferença entre a vida do filósofo e a vida do homem de sociedade, como era Alcibiades, que era político, homem de família rica etc. Isso é a sociologia da vida intelectual. Se a filosofia começou assim, tem uma razão para começar assim. Qual é a diferença entre Sócrates e os pré-socráticos? Os pré-socráticos raciocinavam sobre a matéria, o

universo, o tempo etc. etc., abstrata e genericamente, como se eles próprios fossem abstrações falantes. Por isso que isso ainda não é filosofia, ela é um conhecimento da realidade e uma ciência de algum modo, é um esboço de ciência, mas ainda não é filosofia porque não implica aquela conexão intrínseca entre conhecimento e consciência que é a marca registrada da filosofia.

Mas falando da sociologia da vida intelectual, queria lembrar, ilustrando o que eu falei na primeira parte da aula, um episódio que me foi lembrado pela minha mulher agora. Em 1996, quando lancei o livro *O Imbecil Coletivo* — vejam como tudo se junta simbolicamente; estou falando d'*O Imbecil Coletivo* como uma coletânea de documentos sobre a degradação intelectual brasileira —, eu entreguei vários convites para o lançamento pelo correio, mas para algumas pessoas que eu prezava mais, pedi que a Roxane os entregasse pessoalmente. Então, ela estava em Copacabana e foi entregar na Avenida Atlântica, em frente à praia, um lugar maravilhoso, o convite para o Josué Montello, que morava em um apartamento de cobertura na área imobiliária mais cara do mundo. Para vocês verem, ele era o próprio protótipo do intelectual bem-sucedido, presidente da Academia etc. etc. Depois de entregue o convite ao Josué, pegou a lista para ver o próximo, mais perto dali. O mais perto era Praça Serzedelo Correia, onde morava João Antônio, chamada “praça dos paraíbas”, freqüentada durante o dia pelos camelôs e a noite pelas prostitutas. Ali morava o João Antonioe, chegando ao seu apartamento, tinha uma pilha de correspondência na porta, ela bateu e, como ninguém atendeu, perguntou dele aos vizinhos, que responderam que talvez tivesse viajado porque há dias que não o viam. O João Antônio estava morto lá dentro há vários dias. O sujeito morreu sozinho, abandonado, provavelmente bêbado. Ali se vê as duas camadas de intelectuais perfeitamente representadas, chegando ao nosso conhecimento através desse acontecimento tristíssimo da morte de João Antônio, o qual era um excelente escritor, mas poderia ter sido um grande escritor, se tivesse uma situação um pouco diferente.

Aluno: Na página 11 de apresentação do Curso online você fala dos três inimigos da alma: diabo, mundo e carne. Ao falar do diabo, escreve que o diabo não está preocupado em atacar as pequenas coisas, como os adolescentes que se masturbam, mas está preocupado em levar a humanidade para o mal. Achei isso excessivamente genérico e talvez dê margem para má compreensão. Nas aparições de Nossa Senhora, por exemplo, Nossa Senhora fala muito que o objetivo do demônio é a destruição da família. Ou seja, o demônio age contra aquilo que parece pequeno e não tão genérico — como contra a humanidade —, no adultério, na liberação moral dos filhos e da própria vida familiar, de modo que invoca as famílias a ficarem atentas e viver a prática da oração diária etc. etc. Não preciso escrever sobre importância indisputável que núcleo familiar exerce sobre uma sociedade sã e santa.

Olavo: Muito bem, qual é a real importância da família? A família, mesmo quando é um ambiente de perdição — como a família do Dr. Freud, que comia a própria cunhada —, mesmo quando está completamente degradada, a família continua sendo importante e tem de ser defendida de qualquer maneira. Não é por razões

morais que a família deve ser defendida. A família deve ser defendida pelo seguinte: a família é muito anterior ao Estado, o direito privado antecede o direito público, o direito público se baseia no direito privado, e a família é a primeira instituição onde há regras. Então, a família é a base de toda a racionalidade e da possibilidade da convivência humana. Se a família for destruída o que vai acontecer? Os garotos vão se masturbar mais? Não, não é só isso, meu filho. Se fosse isso estava tudo bem porque dentro da família eles já fazem isso. O problema é que tudo é destruído e todas as relações naturais do ser humano são substituídas por relações artificiais criadas pelo Estado. Você não vê no Brasil a adoração que se tem hoje pela palavra cidadão? Aqui eu tenho que lembrar de novo o filósofo Leonardo Coimbra, que dizia: “Deus criou o homem e a lei criou o cidadão, o qual é o homem mutilado.” O cidadão é uma abstração, ele não é uma pessoa humana real. O cidadão é o conjunto das funções de alguém dentro da estrutural legal prescrita pelo Estado. A existência do Estado então pressupõe a existência de relações naturais e civis que o antecedem desde a criação da espécie humana. Por exemplo, você não pode conceber no paraíso terrestre um Estado, não há nenhum; há os seres humanos e a lei divina que Deus pôs dentro deles mesmos. Não há Estado nenhum, não há ali uma autoridade humana sobre ninguém. A partir do momento em que as mais velhas relações do mundo, estabelecidas pelo próprio Deus, são substituídas por um poder humano, isso é o demônio agindo, e isso não tem nada de genérico, meu filho. No mesmo artigo que estou citando — estou citando o artigo de Leonardo Coimbra várias vezes — ele diz que a lei se considera absoluta e ela exige a obediência incondicional, não existe permissão de não a cumprir, em caso nenhum. A lei não admite exceção a si própria, a não ser que tenha uma segunda lei. Mas todo esse universo legal do Estado é criado com base numa noção relativística, onde não se aceita mais o princípio divino e a sua absolutidade imutável, então ele diz que a existência da lei no sentido moderno é auto-contraditória porque ela se baseia num relativismo para afirmar a sua absolutidade. A simples existência da lei desmente a sua própria origem relativa. Todo o processo histórico moderno é um processo de substituição das leis ancestrais, divinas e civis imemoriais por novas relações criadas pelo Estado.

[02:10] Isso significa que a destruição da família é a destruição da própria forma humana, não existe outra organização dentro da qual o ser humano possa desenvolver a sua personalidade e tornar-se humano mesmo, não existe nenhuma. Ninguém pode criar algo em seu lugar. Agora, meu filho, masturbar-se no banheiro é na família mesmo que os meninos fazem isso, desde que o mundo é mundo.

Aconteceu que, à medida que vai sendo perdida a noção da verdadeira função da Igreja no mundo, nós começamos a desenvolver uma obediência à autoridade religiosa que já não é como autoridade religiosa, e sim como autoridade estatal, é uma burocracia e isto se chama obediência carnal. Existe um princípio da moralidade intrínseca, que é o certo e o errado, que nos é ensino por Deus mesmo. Nós podemos ver que as várias civilizações divergiram em muitas coisas, mas há uma série de princípios que são absolutamente universais, que são verdadeiros — eu não gosto da expressão “direito natural”, não há direito

natural, só há direito sobrenatural; existe direito sobrenatural e existe direito estatal, direito humano que os seres humanos inventaram. O verdadeiro direito é sobrenatural, aquilo que Deus ensinou à espécie humana. Isto é submetido a variações de acordo com épocas, mas em torno de certos princípios, não de regras concretas.

Vejam, por exemplo, a história de Abelardo e Heloísa durante a Idade Média, a época mais cristã da história do Ocidente. Diziam que Abelardo estava transando com a sua aluna Heloísa fazia um tempão e ninguém estava ligando muito. Porém, quando ele a levou embora para se casar escondido, a família encrespou e mandou castrá-lo porque não se tratava da sua conduta real e sim da conduta aparente, porque aquilo desonrava a família; e por isso castraram-no, e não pelo pecado sexual em si.

A importância que a sociedade passou a dar aos pecados sexuais a partir do século XIX, sobretudo no mundo protestante, é uma distorção tremenda. Pecado sexual você confessa, se arrepende e acabou. Mas suponha o falar mal injustamente de alguém. Há uma história judaica: certa vez um difamador compulsivo se arrepende, chega ao rabino e lhe pergunta: o que posso fazer para consertar o que fiz? O rabino responde: pega uma pilha de papel, picota bem pequenininho, põe tudo num saco — milhões de pedacinhos de papel —, sobe no edifício mais alto e joga ao vento; depois você volta aqui para falar comigo. Daí ele voltou e diz: pronto rabino, já espalhei os papeizinhos. E o rabino diz: bom, agora pegue de volta. Isso é difamação, ela nunca tem concerto. Se você rouba uma pessoa, pode-se devolver seus bens, até mesmo duplicados, mas e o tempo que se passou desprovidos dos próprios bens? Não é possível devolver o tempo. No adultério, se o homem transa com a mulher do vizinho, ele pode se arrepender, pedir perdão a Deus e ao casal, e o marido pode e deve perdoá-la. Se não a perdoar, o marido fez algo pior que aquele homem porque ele pecou contra o Segundo Mandamento, que está entre os dois essenciais. Hoje em dia, se você pegar qualquer católica e lhe disser isso, ele fica escandalizado. E eu digo: não perdoar a adúltera é pior que o próprio adultério, e eu digo isso porque é assim que está no Evangelho. O dever do perdão está infinitamente acima do outro. Quando perguntaram a Jesus o que era o absolutamente essencial, ele disse o Primeiro e o Segundo Mandamento. E os outros devem ser interpretados em função destes. E se alguém pega a mulher do outro e foge com ela? Aí a família foi destruída e não tem mais concerto. Mas fugir com ela é um pecado sexual? Não. Pecado sexual só se comete quando se vai pra cama com ela. Quem vai fica na cama o tempo todo com ela? Ninguém. A gravidade do ato está na construção da outra unidade familiar; não no pecado sexual, mas na destruição da família. Isso não tem concerto — consertar seria muito difícil ou talvez impossível. Ou ainda: matar alguém, não tem mais volta.

Eu vejo que todos esses outros pecados, que a mim estão muito claros, os católicos que eu conheço são praticamente indiferentes a todos eles. Por exemplo, a negação do perdão. Existe um verso do poeta italiano Sergio Corazzini, cuja mulher havia fugido com outro. Ela depois pede pra voltar e

pergunta-lhe se a perdoa. Ele responde: “*Dite loro che perdonino sempre, sempre! tutto, tutto!*”.¹ Esse aí está certo. Essa é a obrigação. Se você perguntar o que é o amor ao próximo, o amor é essencialmente o perdão, porque Jesus Cristo disse: amar uns aos outros como eu vos amei. O que Jesus Cristo veio nos dar essencialmente? O perdão, este é o grande dom. Quem quer que não seja capaz de exercer o perdão, melhor faria é ficar calado quanto aos palpites sobre a moral sexual alheia. Eu já vi tanto mal acontecer por causa disso, tanto mal, porém, os pecados sexuais são acusados em público. E a falta do perdão? Ah, é uma coisa íntima e ninguém sabe. As pessoas invertem a ordem e estão com a consciência tranqüila, porque estão apegados a uma coisa que se chama obediência carnal, estão obedecendo a uma regra social que pune e castiga. Ora, o adultério pode dar processo e desgraçar a vida do coitado — por causa de um adultério. A mulher vai à delegacia, dá uma queixa contra marido, desgraçando-lhe a vida. Aqui nos Estados Unidos a lei de família é uma coisa horrorosa porque destruir a vida do cidadão é uma coisa mais fácil. Isso é menos grave que um adultério? A simples existência dessas leis é infame. O que Jesus Cristo fez com a mulher adúltera? Ele perdoou-a imediatamente. E se fosse um assassino? Jesus iria perdoar e dizer que está tudo limpo? Não, ele iria dizer: agora você deve cuidar da viúva e dos órfãos pelo resto da sua vida. Quem faz desses pecados que deixam marcas, deve passar o resto da sua vida limpando-as. Como o caso desse padre Maciel, dos Legionários de Cristo, que abusou dos meninos durante cinquenta anos. O que o papa fez com ele? Disse: agora você se tranca num quarto e passa o resto da vida em penitência. Não é assim: “está perdoado, está limpo”.

A partir do momento em que o Estado passa a regular as relações matrimoniais tudo se perverte, porque agora quem está defendendo o casamento não é a sua consciência ou comunidade, não: é a polícia, são os tribunais. Isso pesa sobre a vida humana de uma maneira horrorosa. Eu tenho impressão que Nossa Senhora sabe muito mais disso que eu, pois até onde pude perceber, a destruição da família é uma coisa infinitamente mais grave do que você chama “a liberação dos filhos” e essa imoralidade mais visível. [02:20] Há coisas muito mais sérias e não considero que a destruição da família seja genérico de maneira alguma. Há muitos casos da Bíblia em que o comportamento sexual inconveniente é perdoado imediatamente, até mesmo quando implicou em coisa pior, como no caso de Davi. No caso de Davi, Deus puniu matando o filho dele. Mas por quê? Por causa do adultério ou do homicídio? Hoje em dia, quem me disser que o menino que se masturbou no banheiro vai para o inferno junto com Josef Stálin,

1

Nota de transcrição. Na verdade o verso mencionado é um trecho de *I Promessi Sposi* (Os Noivos), romance de Alessandro Manzoni. Trata-se de um conselho dado por um padre ao casal de protagonistas a respeito de seus futuros filhos: *Verranno in un tristo mondo, e in tristi tempi, in mezzo a' superbi e a' provocatori: dite loro che perdonino sempre, sempre! tutto, tutto!* (Virão a um mundo triste, e em tempos tristes, em meio aos soberbos e provocadores: dizei a eles que perdoem sempre, sempre! tudo, tudo!).

eu digo-lhe que quem diz isso é um monstro. Isso é uma mentalidade monstruosa, onde aqueles grandes pecados que deixam marcas indeléveis para sempre são nivelados a um mero adultério. A palavra adultério na Bíblia sempre vem sobrecarregada com segunda e terceira camada de sentido, o adultério é também uma imagem da infidelidade a Deus e ao culto de ídolos. O direito de família hoje como está no Estado é um ídolo. Jamais se deve levar isso a sério, muito menos achar que isso é cristianismo. A partir da hora em que o Estado interfere nessas coisas, o panorama fica todo nublado, todo confuso e orientar-se moralmente no meio disso é muito difícil. Claro, cometer um adultério é um pecado, sim, mas eu acho que não perdoar um adultério é um pecado maior. Quando — lembrem-se de uma aula dada um tempo atrás — todo o legado de conhecimentos que o clero católico precisaria ter para servir a Igreja Católica como mãe e mestra é perdido e volta pelas mãos de mussulmanos, budistas etc, e ao mesmo tempo a Igreja está totalmente desorientada, com toda a sua alta hierarquia corrupta e vendida para o inimigo, ora, um pouco de senso das proporções não fará mal.

Quantos católicos eu já não ouvi falar contra a imoralidade, a pornografia etc., e querem examinar essas coisas. Ontem mesmo eu assisti no You Tube um vídeo que fazia menção a todos os imensos males que Paulo VI fez à Igreja e o autor usava essa mesma expressão, obediência carnal. Dizia que as pessoas não obedeciam-no como representante de Deus, mas obedeciam-no com o senso de obediência carnal, como o chefe de uma burocracia, pelo medo da rejeição social e pela incapacidade de ficar numa situação de desorientação. Por exemplo, havia uma discussão se o mandato do Papa é válido ou se não é — os sedevacantistas dizem que não tem papa nenhum. Eu nunca soube a solução desse problema, ninguém sabe, nós vivemos numa situação misteriosa. Eu sei se o mandato do papa é válido? Não sei. Eu ajo como se fosse, mas não posso afirmar, não sei a solução disso. Estamos numa situação de vácuo, como que boiando. Não há mais aquele senso de hierarquia institucional. Não há mais! Acabou, acabou mesmo, não é brincadeira! Se sabemos que o Papa diz uma coisa e o seu assessor de imprensa diz outra coisa, e o Papa não pode desmenti-lo, qual dos dois vamos obedecer? Não se iludam, o Vaticano está todinho infiltrado, é 80%! Ah, mas todos gostam de dizer “nós temos aqui uma hierarquia milenar etc.”, e isso dá um senso de segurança social. E por que Deus permite que a Igreja sofra essa auto-demolição? É pra aprendermos a obedecer a Ele e não a uma hierarquia externa. Claro, essa hierarquia é santa em si, mas não dessa maneira que as pessoas estão entendendo. Muitas vezes eu disse coisas que scandalizaram os católicos. Por exemplo, eu não vou chamar de eminência esses bispos da CNBB, que agora reclamam do abortismo mas que ajudaram os abortistas chegarem ao poder — traem tudo e ainda querem que lhes chame de eminência? Eminência é uma pinóia. Quem colaborou com essa gente está excomungado! Podem estar todos purpurados, com chapéu de bispo, mas para mim são palhaços! Não são nada e eu não vou lhes lhes, eu não ligo para o que dizem, eu não posso fazer isso. Por quê? Só pra não ferir as aparências? Mas eles já acabaram com as aparências. Então nós temos de entender que essa é uma situação de extrema crise, não é brincadeira. Agora, nunca confunda a Lei de Deus com a decência

burguesa, nunca. Aqui nos EUA, onde a maioria é protestante, é quase impossível levar alguém a entender isso, para um católico é mais fácil, mas o protestante liga tanto para a decência. Aqui tem essa instituição que quando pastou pecou ele se confessa em público. Eu acho isso horroroso, isso é a defesa de uma aparência. Eu não quero condenar isso completamente, às vezes pode estar até certo. Mas eu não posso acreditar que essas coisas que eu estou dizendo sejam genéricas e a única coisa certa mesmo é o menino ali e tem que ensinar pra ele assim e assim. Claro que tem de ensinar, mas há um senso de hierarquia que a gente nunca pode perder. E ele pergunta:

Aluno: Porque esses demônios querem destruir a humanidade eu posso ficar muito confortável levando a minha vida no adultério e na imoralidade?

Olavo: Quem disse que isso é muito confortável? Eu não acho que haja nada de confortável, é uma desgraça o sujeito viver assim. E, além disso, refiro-me ao julgamento que você faz dos outros e não de si mesmo. Consigo mesmo, seja severo, exija o mais alto possível, mas no julgamento dos outros, lembre-se da complexidade da situação e da hierarquia dos valores. Assim, vê verá que não dá para você falar no mesmo tom com o menino que se masturbou no banheiro e com o bispo que vende a Igreja, não dá pra falar. Agora, tem muita gente que fala contra os adúlteros e beija a mão do traidor. Quem faz isso é o verdadeiro adúltero.

Tem tantas perguntas boas aqui, meu Deus do Céu.

Aluno: A realidade física e metafísica é um todo inteligível composta por uma infinidade de latências que possuem a potência de se mostrar a nós,e, portanto, podemos captá-las. Mas nem todas as coisas podem nos captar?

Olavo: Claro que podem nos captar. Qualquer coisa que entremos em contato pode captar-nos dentro do seu modo específico de captação. Captar significa apenas receber uma informação. [2:30] Se você pega uma pedra e a levanta, ela recebeu essa informação, ela foi alterada. Ela não é alterada em modo subjetivo, autoconsciente. Não é alterada de si para si porque ela não tem essa dimensão, mas ela é alterada. Há uma permanente comunicação entre nós e todas as coisas.

Aluno: Quando conhecemos alguém, acontece uma afirmação da nossa existência e esse ser em particular e a sua constituição interna e não só a sua espécie fica gravada na nossa alma. Isso passa a fazer parte da nossa história?

Olavo: Sem sombra de dúvidas. Cada pessoa que você conhece atualiza um aspecto seu e atualiza um aspecto dela, que antes estava latente. Você tem razão. O que fica gravado é aquela individualidade insubstituível e, mais ainda, inexpressável. Por exemplo, você conhece as pessoas que você ama, as pessoas do seu círculo: sua mulher, seus filhos, etc. Você pode defini-las? Não. Você pode descrevê-las? Só muito genericamente, de uma maneira muitíssimo imperfeita, e

no entanto você as conhece. Essa é uma forma de conhecimento que na verdade é muito superior a muitos conhecimentos científicos que você tem, porque você conhece e sabe reconhecer muitas vezes, de maneira autoevidente. Eis aí um modo de conhecimento que, pela sua perfeição, deveria servir de modelo para outros conhecimentos. Ou então, certas coisas que aprendi em ciências. Aquelas coisas têm para mim a mesma evidência imediata que tem, por exemplo, o reconhecimento de uma pessoa que eu conheço? Não. Às vezes eu conheço aquilo só através de toda uma escada de símbolos, ou seja, conheço aquilo de uma maneira tremendamente indireta. No entanto, eu digo: “Ah, esse conhecimento é firme, porque é científico”. Mas o que é isso? Ele é conhecido somente no aspecto abstrativo, que foi confirmado por várias outras pessoas. Mas como eu disse, ele não chega a ser um conhecimento, ainda. Falta muito para que ele seja um conhecimento.

Aluno: A nossa perfeição humana seria refletir de modo precário a verdade, a imagem de Deus, assim gerando a informação Dele, do Criador perante a criatura e essa afirmação nada mais seria do que o amor divino?

Olavo: Sim, é o próprio amor divino, evidentemente. Não é o seu. O amor divino, em primeiro lugar, te constituiu. Eu sempre sugiro esse tópico de meditação. Por que eu existo? Cada pessoa está tão acostumada a existir que ela não se lembra de não ter existido. Nós só temos memória a partir da hora que nós existimos, então isso dá uma espécie de deficiência permanente para nós. Como nós não temos memória de não ter existido, nós concebemos a nossa existência como se fosse um dado universal autoevidente, portanto, de certo modo, um direito adquirido. Sim, você tem direito à existência a partir do momento que você existiu, mas me dê um fundamento, me dê uma razão para você existir. Não há esse fundamento. Você vai ter de entender: Você é o resultado de um ato arbitrário do amor de divino. Quando se fala assim: “Amor de Deus pelas suas criaturas”. Pense bem o que é esta coisa. Deus amava você antes de você existir. Ele amava você enquanto idéia. Ele teve uma idéia: “Oh, posso aqui criar o Sr. Juliano Regis Müller”. Mas como idéia, você está na mente de Deus desde que Ele existe, e Deus é bem velho. Ele falou: “É hoje que eu vou fazer o Sr. Juliano. Por que Eu vou fazer isso? Vou fazer porque Eu gosto dele, porque Eu o pensei.”. E Ele faz você. Pensa nisso. Toda vez que eu penso nisso eu fico profundamente tocado, porque não há nenhuma razão para eu existir a não ser essa. Mas, ao mesmo tempo, eu estudei muita coisa sobre a constituição da matéria, sobre a origem do universo, etc. Como eu articulo uma coisa com a outra? Por exemplo, que eu sou o resultado do amor de divino, isso eu sei com certeza absoluta, porque eu não encontro nenhum motivo para eu existir. Eu posso encontrar causas acidentais que me trouxeram à existência como a genética, etc. Mas isso são causas acidentais, e eu não estou falando de causas, eu estou falando de fundamento, de um por quê. Disso eu tenho certeza absoluta. Mas tem uma série de dados sobre a constituição do universo, sobre a origem das coisas, que a gente aprende com a ciência, com a metafísica etc. Eu sei dessas coisas com a mesma força que eu sei que nasci do amor divino e sou capaz de articular e dizer: “O amor divino quis que eu existisse então ele fez isso, mais isso, mais isso

para eu existir?” Não, não sou. Então significa o seguinte: eu tenho uma certeza, que é a da arbitrariedade divina da minha existência e tem um monte de conhecimentos em volta que adquirem sentido, adquirem inteligibilidade em função desse. É a consciência que você tem do amor divino que vai iluminar essas outras coisas. Aí entra o método da confissão. Eu tenho de testar os meus conhecimentos diante de Deus.

Nunca espere de mim que eu lhe dê uma regra de conduta para a sua vida em geral. O que eu posso lhe dar é com relação a sua vida intelectual, porque é isso que eu estou fazendo aqui. Pregar moral? Eu não vou pregar moral de jeito nenhum, isso não cabe a mim. Eu posso analisar a situação moral e ver como ela é complexa. Você tem de entender o seguinte: o meu discurso jamais é teológico, nunca é teológico. Discurso teológico é o seguinte: theo-logos, quer dizer, a palavra de Deus. O discurso teológico parte de um texto sagrado e de uma tradição que o complementa — não é só a Bíblia, como dizem os protestantes, eles estão muito errados nisso, porque o evangelho foi escrito muito depois dos acontecimentos, e o elo entre os acontecimentos e a redação do evangelho é a Igreja; se não existisse a Igreja, não tinha evangelho nenhum. É assim: primeiro vem Jesus Cristo, depois vem a Igreja e depois os evangelhos. A autoridade da Igreja precede os evangelhos e ela os cria, os legitima, e os separa dos falsos evangelhos. Portanto, em primeiro lugar a Igreja e a tradição, depois, os evangelhos. Partindo disso, o cidadão busca tirar desse compactado de acontecimentos que constituem a origem do cristianismo — ele faz uma espécie de extrusão. Aqueles acontecimentos são fatos de ordem histórica e cósmica, nos quais está embutido um preceito divino, mas está embutido de maneira muito compactada e ele precisa descompactar isso e transformar numa doutrina. Isso é que o teólogo faz. Eu não tenho a menor capacidade para fazer isso, não tenho a menor vocação. Eu não sou especialista, nem na tradição da Igreja, nem nos evangelhos. Portanto, o que quer que eu diga sobre isto é apenas uma análise feita por um filósofo particular. Se o que eu digo estiver contra a doutrina da Igreja, então provavelmente eu estou errado e não ela. Isso me parece óbvio. Porém, a relação entre uma análise filosófica e a doutrina da Igreja não é uma relação unívoca. Não é uma coisa que você pode comparar uma frase que o sujeito diz com outra frase da doutrina. Não. Porque elas são ditas em planos completamente diferentes. O exercício da filosofia implica uma elaboração dialética de todas as dificuldades cognitivas envolvidas no processo, e a doutrina da Igreja, não. Você, para entender a doutrina da Igreja, não precisa saber todas as controvérsias que aconteceram antes até chegar àquela formulação. Às vezes as coisas continuam em discussão por séculos, até um concílio ou o Papa dizer: “A doutrina é esta.” [2:40] A controvérsia não faz parte da doutrina. A doutrina é só quando a coisa é sacramentada pelo Papa. Na filosofia, a filosofia controversa é a própria filosofia. A filosofia é o processo do conhecimento. Aquilo que a gente fala no decorrer de um processo de análise dialética é uma coisa, o que você fala como doutrina formal e terminal é outra coisa completamente diferente. No Brasil, a gente precisa dizer isto, porque tem um monte de analfabetos, metidos, que, desde o momento que ele pararam de comer a mulher do próximo ou de se masturbar no banheiro, eles acham que são santos e têm de fiscalizar a moral

do outro e comparar cada frase que o filósofo disse com o que está na doutrina da Igreja. Têm pessoas que nessa situação diriam: “Voltamos aos tempos da Inquisição.” Não, no tempo da inquisição não. No tempo da inquisição sabe como se fazia? Surge uma suspeita de heresia. Você manda um teólogo conversar com o suspeito, ler primeiro tudo que o suspeito escreveu, tentar entender com a melhor boa vontade possível. Depois conversa com o sujeito para ver se ele dá um sentido formalmente herético do que está falando. Se ele der um sentido formalmente herético, você o convida a mudar de idéia. Se ele não mudar de idéia e se obstinar, aí sim, você abre um processo de heresia contra ele. No Brasil não precisa. O sujeito pega uma frase aqui de um artigo meu e pega uma frase da doutrina católica e diz: “Está vendo? Ele é herético!” O sujeito que faz isso vai para o inferno. Ele vai, eu não. O sujeito está primeiro usurpando uma autoridade, e está usurpando caricaturalmente. Àqueles aqui que são católicos e têm muito medo de cometer heresia eu digo: No curso de uma análise dialética você comete um monte de heresias, porque você terá de passar pela verdade e pelo erro. Isso é inevitável e isso é a própria filosofia. Quais são as conclusões formais, às quais você atribui validade teológica? Só aí você pode cometer heresia. Não se pode cometer heresia numa análise filosófica. Não existe isso. Como no Brasil as pessoas são muito ignorantes, elas pensam que sim. Achar heresias numa filosofia é uma coisa quase impossível, porque uma coisa só se torna heresia quando é uma falsa doutrina da igreja. Se você apresenta aquilo como se fosse doutrina da Igreja, se escapar da doutrina, então você pode cometer uma heresia. Você diz que é doutrina católica mas é outra coisa.

No curso de uma análise filosófica você não está proclamando uma doutrina da Igreja, portanto não pode ter heresia nenhuma. É uma coisa tão elementar. Portanto, não tenham medo. Durante uma investigação filosófica, você pode pensar qualquer coisa. Não precisa ficar: “Ah, o que estou pensando é heresia”. Não. Você vai se abrir com Deus: “Olha Deus, eu estou tentando achar a verdade, eu estou numa tremenda confusão e estou querendo entender não só a Tua palavra, mas quero entender a realidade, a qual também é a Tua palavra. Caminhe diante de Deus, Abra a sua alma para Deus e faça a sua busca cognitiva sem medo. Não precisa, a cada coisa que você pensa, dizer: “Ah, deixe-me ver se isto aqui está de acordo com a doutrina da Igreja”. Não é assim. Só nas conclusões finais você tem de conferir com a doutrina da Igreja; o trajeto, não. Se é um trajeto dialético, eu digo: Para você chegar a uma doutrina, houve muitas controvérsias. Dessas controvérsias, noventa por cento do que se falou estava errado, e só uma parte está certa. Quanto tempo a Igreja leva para chegar a isso? Séculos. Por que eu tenho que ser mais rápido?

Aluno: *Simbolicamente, essa sequência dialética pode ser caracterizada como a selva escura?*

Olavo: Ela está perguntando se a sequência dialética é a selva escura a que se refere Dante? Precisamente. Se você pegar a coleção da patrística grega e romana, que são os livros da Igreja, são livros que constituem a doutrina da Igreja, dentro da patrística está cheio de afirmações, de doutrinas heréticas. Por quê? É

no curso da investigação que o sujeito tentou. Vamos ver se é assim. Vamos ver se é desse jeito, vamos ver se é do outro. E muitos desses camaradas são beatos, porque não defenderam a heresia contra a Igreja. Pensar numa heresia, acreditar nela durante um tempo, todos nós somos sujeitos a isto. O irmão Michael Diamond pega os estudos do Papa e mostra uma infinidade de heresias lá dentro. Mas isto é heresia mesmo? Se você considerar aquilo como doutrina terminal da Igreja, no sentido exato em que o Irmão Diamond entendeu, então é heresia mesmo, mas pode ser que não seja isso, pode ser que haja outra interpretação. A Santa Inquisição ensinava: “Você tem de interpretar o texto com benevolência”. Se puder não interpretar no sentido herético, se puder ter um sentido não-herético, é esse que você tem de adotar, e não pegar uma aparência de heresia e sair condenando as pessoas. Esse pessoal que está querendo discutir essas coisas hoje precisa se humanizar muito para chegar a ser inquisidores. Não têm categoria para isso. A inquisição teve homens santos. Eu nasci no dia do São Pedro de Verona, que era um inquisidor, um mártir da Igreja. Um inquisidor não ia ciscar indícios de heresia, ao contrário, ele ia primeiro conversar em particular com o suspeito, para ver se é suspeito mesmo. Você disse tal coisa? Qual é exatamente o sentido do que você queria dizer? Isso é uma doutrina afinal ou é uma hipótese? Ah, é uma hipótese. Então está tudo bem. Agora, se você chegar a uma conclusão formal que desmente a doutrina da Igreja, e você proclamar como doutrina da Igreja, aí você vai cometer uma heresia. Hoje em dia, os católicos têm muito medo da hierarquia, têm medo de pensar, porque a verdadeira obediência foi substituída pela obediência carnal. E isso não pode.

Aluno: Agripino Grieco, já nos anos 20 e 30, denunciava na classe intelectual brasileira a substituição da literatura pela vida literária (...).

Olavo: Mas não tem a menor dúvida. Eu assisti entrevistas do Agripino Greco, quando eu era pequeno, mas eu lembrei, gravei aquilo. Ele falava horrores da Academia Brasileira de Letras; que estavam prostituindo a literatura, estava virando um clube.

Aluno: (...) E o Gladstone Chaves de Melo, em 1946, já chamava atenção para a crise cultural num ensaio chamado A atual decadência da língua literária. Esse processo não teve raízes mais profundas na alma brasileira?

Olavo: Mas é isso que eu estou falando. É a formação da nossa classe intelectual, que remonta da nossa classe dominante. É a sociologia da vida intelectual que tem que ser estudada para nós sabermos onde estamos entrando, para não entrarmos com inocência.

Eu queria dizer duas coisas. Primeiro: O fórum que nós temos no Seminário de Filosofia, por favor, economizem mensagens, mandem poucas mensagens e tentem se ater àquilo que é absolutamente essencial, [2:50], para ajuda prática uns com o outros. Não ponha abobrinha lá. Isso é documentação da nossa vida. Tudo isso vai ficar guardado.

Em segundo lugar, queria contar uma coisa pra vocês: um aluno desse Seminário, que é o Leonardo Penitente, venceu este mês o concurso de ensaios do Farol da Democracia. Dêem uma olhada lá na página www.faroldademocracia.org e vocês irão ver. Estamos aqui muito orgulhosos do nosso aluno. E quem quiser eu recomendo que participe desse concurso; tem um prêmio de cinco mil reais, não é brincadeira.

Aluno: A interpretação dada a Filosofia de Pitágoras dada por Giovanni Reale e John Burnet é tão diferente da que lhe dá Mário Ferreira dos Santos, que chego a pensar que os três não estão falando da mesma coisa. Pergunto: a diferença é devida ao fato de Mário Ferreira ser um filósofo, isso é, um produtor da filosofia e não um historiador da filosofia? Dois: Se estudarmos os Comentários a Aristotéles, de São Tomás de Aquino, que era filósofo, e os historiadores da filosofia, notaremos a mesma diferença? (...)

Olavo: A resposta à primeira pergunta é sim, e à segunda também é sim.

Aluno: (...) Três: O senhor percebeu a teoria dos quatro discursos nos trabalhos de Aristóteles por ser o senhor mesmo um produtor da filosofia e não um comentador ou historiador da matéria?(...)

Olavo: Sim. Porém, eu duvido que haja sobre a filosofia um ponto de vista legítimo do historiador da filosofia. Quer dizer, se a história da filosofia não é ela mesma filosofia, então é óbvio que é apenas a função de documentar materialmente o que foi dito. Mas você não pode entrar nas camadas mais profundas de interpretação de um filósofo sem comprar os problemas dos quais ele está falando. Senão você fala da própria filosofia como um objeto, uma coisa — e ela não é uma coisa. Muitas vezes o historiador da filosofia cai nesse tremendo erro de tomar como seu objeto a própria filosofia tal como está documentada nos textos — e ela não pode ser um objeto. Então, às vezes o historiador da filosofia é como o sujeito que quisesse, que achasse que ato sexual consiste em ler livros de sexologia. Não é isso? Você imagine um garoto sem experiência nenhuma lendo um livro de sexologia e tentando imaginar a coisa. É mais ou menos a mesma coisa. A filosofia é uma atividade e os livros de filosofia são como partituras musicais, eles não estão lá para ser lidos, mas para ser executados. Até certo ponto não é possível compreendê-los se você tomar estes textos ou até a própria filosofia como objeto, porque atrás dela existe um outro objeto, que é o objeto dela. Do que é que a filosofia está falando? Se a filosofia está falando de gato, eu tenho que olhar para o gato. Eu não vou entender a filosofia só examinando o texto ou examinando a própria filosofia. Isso não é possível, isso é uma distorção criada pelo mundo acadêmico moderno. A medida que você acumula registros da atividade filosófica anterior, esses registros criam um corpo, eles adquirem uma existência própria. E o historiador vai lá e diz: “esse aqui é o meu objeto de [estudo]”. Mas isso aí é como você fazer história da música sem você jamais ouvir música ou tocá-la. É claro que isso nem sempre acontece; é claro que eu não posso acusar disso todos os historiadores —

também não poso acusar o Giovanni Reale —, mas, porém, não posso comparar o exame que o Giovanni Reale faz disso com o que o Mário Ferreira faz. O Mário Ferreira vai numa profundidade tão grande, que um historiador não pode jamais alcançar. Eu acho que, nesse ponto, Hegel tinha razão: a história da filosofia é ela própria uma atividade filosófica, ou então é apenas uma atividade auxiliar que vai documentar alguma coisa. Mas, por exemplo, o potencial que uma filosofia tem para ser desenvolvida muitas vezes reflete coisas que o próprio filósofo sabia perfeitamente, mas ou não deu tempo dele escrever, ou às vezes ele não tinha o instrumento linguístico à disposição para escrever aquilo, mas você sabe que ele sabia aquilo. Foi isso que o Mário fez. E é isto que São Tomás faz quando ele lê Aristóteles. Isso quer dizer que às vezes São Tomás se afasta um pouco da letra de Aristóteles — ou deixa de compreender alguma coisa porque São Tomás não falava grego, não sabia grego, tinha um amigo dele que traduzia pro latim e então ele lia — Então isso quer dizer que ele lia Aristóteles de olho nas coisas das quais Aristóteles estava falando, das realidades. Se Aristóteles estava falando de Deus, então São Tomás pensava em Deus; se estava falando do elefante, ele pensava no elefante; e não no texto, ou mesmo na filosofia de Aristóteles. A filosofia de Aristóteles não é um objeto para São Tomás de Aquino, é uma ocasião de efetivar sobre certos atos cognitivos na consciência pessoal dele e dos alunos dele. Então, uma análise filosófica que prolongue o sentido de uma filosofia está mostrando a virtualidade, quer dizer, a potência que está contida ali dentro. Mas a potência está contida realmente. Não é invencionice, não é outra filosofia completamente diferente. É algo que, por exemplo, o pitagorismo poderia ter sido, porque é coerente com as suas propostas iniciais. Claro que o Mário, na interpretação que ele dá de Pitágoras, vai muito além do que eu fui no caso da teoria dos quatro discursos. Eu fiz outros desenvolvimentos da teoria dos quatro discursos que eu jamais publiquei. Eu falei: vou publicar só até aqui, porque aqui é o que eu tenho certeza que Aristóteles sabia, porque ele não pode ter escrito essas coisas sem ele saber estas; ele não pode não ter reparado nisto. Mas tem certos desenvolvimentos que ele pode não ter percebido, que estão lá e são coerentes, então são aristotélicos — mas aí o estudo cessava de ter uma validade histórica, que eu pretendo que o meu tenha. Além da validade filosófica, pretendo alguma validade histórica. O Mário não se preocupou com isso, ele foi adiante. Então o pitagorismo dele só é histórico até um certo ponto. Mas é pitagorismo, e é genuíno.

Aluno: (...) Para ver a teoria dos quatro discursos, o senhor usou a mesma técnica imaginativa que talvez o professor Mário Ferreira dos Santos tenha usado para ver o que viu em Pitágoras?

Olavo: Sim, porém a usei com mais controle filológico, por assim dizer; não quis ir tão além dos textos quanto ele foi. E o Mário de certo modo ele encarnou, fez de si mesmo uma espécie de reencarnação de Pitágoras e continuou pensando como se ele fosse Pitágoras. Eu acho que ele estendeu o edifício do pitagorismo para muito além daquilo que os pitagóricos podiam ter percebido explicitamente. Portanto ele escapou da base documental, mas eu não acredito que ele tenha

escapado da inspiração originária do pitagorismo. Ele não foi infiel de maneira alguma — ele foi inventivo, mas não infiel.

Aluno: O senhor poderia comentar um pouco mais a respeito da cisão ocorrida na história das diversas correntes anti-intelectualistas predominantes no Brasil, puxar de certas forma pelas classes dominantes, dos proprietários de terra, e, digamos, das outras influências mais esclarecidas que surgiram, e que João Camilo de Oliveira Torres chamou “os fundadores do Império” por entrar importantíssimas figuras como o Marquês de São Vicente, José Bonifácio e outros (...)

Olavo: A posição do José Bonifácio no Brasil é singular, porque se Dom João VI é o inaugurador do Estado brasileiro, José Bonifácio é o formulador, ele cria de certo modo a estrutura, a forma inicial do estado brasileiro. Dom João VI dá impulso e a coisa é consolidada com José Bonifácio. José Bonifácio é uma figura marginal no Brasil até hoje; ninguém presta atenção no que ele disse. Então, Dom João VI é tratado como se fosse um idiota, e José Bonifácio foi mandado embora por dom Pedro I, e as idéias deles estão totalmente à margem do processo nacional. Então, o que houve foi o seguinte: claro que houve grandes figuras aqui, nesse período. Se você comparar a intelectualidade no tempo do Império. Leia o escrito do Machado que se chama *O Velho Senado*. Você vai ver que o Brasil nunca mais teve figuras como aquelas. A classe política era de um alto nível, de algum modo.

Aluno: (...) Como essas grandes personalidades governantes perderam o trêm da história? (...)

Olavo: Não é que elas perderam o trêm da história, elas morreram e não foram substituídas. O sujeito que vivesse nesse período, como por exemplo o Machado de Assis — para a classe dominante Machado de Assis era eminentemente um adorno, mas era só isso que ele estava querendo ser? Não, ele estava fazendo o melhor que podia. Ele se atribuiu a si mesmo uma missão que estava infinitamente acima daquilo que estavam esperando dele. Para o pessoal que o cercava ali em volta, o Machado de Assis era evidentemente um escritor eminente, mas não tão mais eminente do que os outros membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Já na República, evidentemente.

Aluno: Por que eles não conseguiram fomentar a verdadeira alta cultura nacional e incentivar na classe aristocrática elementos sociais que pudessem sustentar o Império?

Olavo: Eu acho que eles nem sequer se colocaram este problema, porque eles também não estavam muito concientes da sua posição peculiar; eles não estavam concientes da fragilidade da sua situação. Veja, você começa um país criando e fomentando uma elite através da universidade. No Brasil, as primeiras universidades que foram fundadas foram a USP e a Universidade do Brasil, nos anos quarenta, meu Deus do céu. E, no entanto, você tinha educação popular já desde o tempo do Império. Quer dizer, que história é essa? Você quer educar a

população antes de educar sua elite? A elite brasileira tinha tão poucos meios de se propagar e de se consolidar, que ela viveu muito tempo de mandar as pessoas estudarem no exterior. As instituições educacionais que eles criaram aqui estavam infinitamente abaixo da necessidade. Mas acho que eles não pararam muito para pensar nisso. Na educação popular todos pensaram. Mas de certo modo puseram o carro diante dos bois. Eles agiram mais ou menos como aquela história do sujeito que comprou cinco jumentos, daí ele montou num jumento e os levou pra casa e, quando ele chegou, estava a mulher dele e ele disse “Ó mulher, eu comprei cinco jumentos, mas agora estou contando aqui e só têm quatro”, e ela disse “Ah é? Daqui estou vendo seis”. É uma espécie de paralaxe, ele está vendo a situação, mas não está vendo a própria. E eu acho que este tipo de alienação houve ali. O fato de que copiassem os discursos da Revolução Francesa, do Democratismo etc., sem perceber que aquilo era incompatível com a sua verdadeira posição social é um sinal disso. Vejam uma outra coisa: como nossas primeiras camadas julgavam as coisas muito pela formação que elas tinham recebido (a formação do exterior), olhavam o Brasil às vezes com olhos do exterior, e se sentiam obrigados a copiar aquilo que lhes parecia bom em outros países. E às vezes a situação aqui era tão complexa que eles não entendiam: por exemplo, quando houve a Abolição da escravatura — claro, a abolição da escravatura é uma coisa muito boa, só que, se você não tem indústria, o que é que você vai fazer com os escravos? Você vai jogar eles no lixo. Então, você tem duas alternativas: você continua escravo ou você vira lixo. Por isso que muitos escravos não quiseram ir embora da fazenda: “Bom, eu vou embora daqui e vou pra onde?” “Ah, você vai morrer.” Agora, aqui nos Estados Unidos a situação foi muito diferente: você tinha indústria próspera no Norte, e essa indústria precisava de mão de obra. Então, quer dizer que a abolição da escravatura veio em outras condições. Você não teve esse desemprego maciço que teve no Brasil. Nosso primeiro surto industrial foi nos anos trinta, quarenta. Então, decorreram três décadas, pelo menos. E os filhos dos escravos que nasceram nesse período? Foram todos para a favela. A elite adotou um gesto simbólico humanitário, mas alienado em relação à realidade. Ninguém falou: “espere, nós temos de criar emprego pra essa gente”. E daí, à medida que vai tendo emprego, você libera os caras. Agora, a economia brasileira era maciçamente fundada na escravidão, e de repente não tem mais escravidão. Então, se você quer saber de onde saíram as favelas, saíram daí. Esses erros que eles fizeram, eles foram muito míopes, como você diz, mas se eu estivesse lá eu veria a coisa com essa clareza com a qual eu vejo agora? Bom, agora é fácil, agora eu tenho toda a história atrás. Já sei no que é que deu, quer dizer, eu não estou condenando essas pessoas. Ao contrário, eu acho que houve figuras maravilhosas ali: Joaquim Nabuco, o próprio Machado de Assis, Oliveira Lima — gente de altíssima qualidade. Mas eram poucos e lidando com uma situação sem precedentes, então eles não tinham as categorias. Veja, você adquirir as categorias adequadas pra descrever a situação é o grande problema. Nós, quando entrarmos na outra fase desse curso, espero que façamos um bom estudo do livro *Das Categorias*, de Aristóteles. Em todo o livro *Das Categorias*, como, aliás, tudo que Aristóteles escreve, ele está sempre olhando de um lado o pensamento e a linguagem, e do outro as coisas, e vendo como é a maneira de

fazer um discurso que expresse as coisas, e não somente seu pensamento. Hoje quando as pessoas estudam a lógica de Aristóteles, eles estudam somente a lógica. Desde que veio o Ockham e Pedro Abelardo e inventaram a tal da lógica dos sinais, onde o pensamento é considerado isoladamente das coisas, perde o alcance ontológico, a coisa desandou, e hoje as pessoas podem estudar lógica anos a fio sem ter a mais mínima noção de que seria preciso falar sobre alguma coisa. Mas Aristóteles nunca perde de vista essas coisas. Então, quando você não tem as categorias você arruma outras, e elas não encaixam direito. Mas nós não podemos condenar essas pessoas — porque tinha a inexperiência, tudo isso foi muito rápido. Entre a vida de Dom João VI e a independência foi um vapt-vupt, e de repente criou-se um Estado que tinha de ser governado. Passou de uma colônia cheia de escravos para um Estado que tem de ser um estado moderno, que têm de ter representantes no exterior discutindo com americanos e franceses. Não podemos cuspir nesses caras, eles fizeram o melhor possível; foram as gerações seguintes que não fizeram; essas nós podemos condenar, sim. Mas sobretudo temos de condenar a nós mesmos, se pensamos que queremos ser filósofos, escritores, etc, mas estamos concebendo esses planos de vida em função de estereótipos, de imagens que nos encantam de alguma maneira, sem saber se essas imagens podem efetivamente ser realizadas nas condições existenciais concretas que nós temos. Ortega y Gasset dizia que a circunstância é como se fosse um soneto no qual falta o último verso que nós temos de encaixar. Frequentemente imaginamos que vamos fazer o soneto inteiro, mas não, nós temos de encaixar tudo o que fazemos dentro da realidade concreta, partindo da análise da situação. Este é o primeiro dever: temos de olhar a situação e perguntar onde nós estamos. E é a situação que vai nos indicar o que é o nosso dever e o sentido da nossa vida. Já dizia Victor Frankl que o sentido da vida é aquilo que só você pode fazer e que ninguém pode fazer no seu lugar — Sim, mas eu tenho de saber qual é o lugar onde estou para saber o que é que eu tenho de fazer. De certo modo é a descrição da situação análoga que vai me indicar, dentro da regra do jogo, estando a situação montada desta maneira, qual é a peça que só eu posso enxertar, qual é a palavra que só eu posso dizer para o soneto dar certo. Daí a extrema importância de voltar ao Sócrates e começar a filosofia com a análise da nossa situação social real. Não a análise da sociedade brasileira, mas a análise da minha situação: quem sou eu ali?

Por enquanto é só. Muito obrigado e até semana que vem.

Transcrição: Mariana Belmonte, Maurício Doval, Alexandre Ribeiro, Elcia Maria da Silva, Lucas Lacerda, Patrick R Steiner

Revisão: Maurício Doval